



O Percurso Industrial de Moçambique e o Desafio da Transformação Económica

Em 49 anos de Independência, Moçambique Transformou-se em um Supermercado de Produtos Acabados



Título: O PERCURSO INDUSTRIAL DE MOÇAMBIQUE E O DESAFIO DA TRANSFORMAÇÃO ECONÓMICA: - Em 49 anos de Independência, Moçambique Transformou-se em um Supermercado de Produtos Acabados

Director: Edson Cortez

Autor: Rui Mate

Revisão de pares interna: Aldemiro Bande, Baltazar Fael, Borges Nhamirre, Edson Cortez, Ivan Maússe, Gift Essinalo, Julia Zitha, Stélio Bila, Zanele Chilundo

Revisão de pares externos: Joseph Hanlon e João Mosca

Propriedade: CIP

Revisão linguística: Samuel Monjane

Maputo, 2024



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA

Anticorrupção - Transparência - Integridade

O Percurso Industrial de Moçambique e o Desafio da Transformação Económica

Em 49 anos de Independência, Moçambique Transformou-se em um
Supermercado de Produtos Acabados

Maputo, Junho de 2024

Índice

Índice de gráficos.....	5
Sumário Executivo.....	6
1. Introdução.....	8
1.1 Metodologia.....	9
1.2 Delimitação do Estudo.....	10
1.3 Limitações do Estudo.....	10
2. Evolução da Industrialização em Moçambique.....	11
2.1 Breve Panorama do Sector Industrial Moçambicano Durante o Período Colonial.....	11
2.2 Impacto das Políticas Pós-Independência na Industrialização (1975-1983).....	12
2.3 Transição Económica e Desafios Industriais em Moçambique: do Socialismo ao Programa de Reajustamento Estrutural (1984-1994).....	15
2.4 Crescimento, Desafios e Oportunidades do Sector Industrial (1995-2004).....	18
2.5 Investimentos Estrangeiros, Diversificação e Mudanças Estruturais na Indústria (2005-2014).....	21
2.6 Tendências Recentes da Industrialização em Moçambique (2015-2024).....	23
3. O Impacto do Desaparecimento da Indústria Moçambicana – Caso da Indústria de Pneus de Borrachas.....	26
4. Lições de Outros Países.....	28
4.1 Moçambique tem Potencial para Seguir o Exemplo de Países bem-Sucedidos.....	29
5. Conclusão.....	32
5.1 Recomendações.....	32
6 Referências/ Documentos Consultados.....	34

Índice de gráficos

Gráfico 1: Contribuição da indústria no PIB (%) – 1953-1974.....	12
Gráfico 2: Contribuição da Indústria no PIB (1975-1983).....	12
Gráfico 3: Produção Industrial por ramo de actividade (1975-1983).....	14
Gráfico 4: Taxa de Cobertura de Comércio (1973-1985) - valores em milhões de USD.....	15
Gráfico 5: Contribuição da Indústria no PIB (1984-1994).....	16
Gráfico 6: Produção Industrial por ramo de actividade (1984-1994).....	17
Gráfico 7: Taxa de Cobertura de Comércio (1984-1994) - valores em milhões de USD.....	18
Gráfico 8: Contribuição da Indústria no PIB (1995-2004).....	19
Gráfico 9: Produção Industrial por ramo de actividade (1995-2004).....	20
Gráfico 10: Taxa de Cobertura de Comércio (1995-2004) - valores em milhões de USD.....	20
Gráfico 11: Contribuição da Indústria no PIB (1995-2004).....	21
Gráfico 12: Produção Industrial por ramo de actividade.....	22
Gráfico 13: Cobertura de exportações pelas importações (2005-2014) – valores em milhões de USD.....	22
Gráfico 14: Contribuição da Indústria no PIB (2015-2023).....	24
Gráfico 15: Produção Industrial por ramo de actividade (2015-2022).....	25
Gráfico 16: Taxa de Cobertura de comércio (2015-Março de 2024) – valores em milhões de USD.....	25
Gráfico 17: Evolução da importação de pneus de borracha em Moçambique (2011- Março de 2024) – Milhões de USD.....	27
Gráfico 18: principais produtos de exportação em Moçambique (2011-Março 2024).....	30
Gráfico 19: Composição % das exportações em Moçambique (2011-Março 2024).....	30
Gráfico 20: principais produtos de importação em Moçambique (% do total) (2011-2022).....	31
Gráfico 21: Composição % das importações de Moçambique (2011-Março 2024).....	31

Sumário Executivo

No dia 25 de Junho de 2024, Moçambique celebra 49 anos de independência. Durante este período, o país experimentou mudanças significativas, particularmente no sector industrial, crucial para o desenvolvimento económico. A participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu em 7% desde a independência. Esta situação reflectiu-se em grandes desafios e transformou Moçambique em um mercado de produtos acabados, importados. A perda de indústrias-chave, como alimentares, de calçados e de borrachas, exacerbou essa situação.

Em 2023, as exportações de Moçambique foram dominadas por grandes projectos no sector extrativo (carvão, gás, rubis e areias pesadas), representando 57% das exportações, e pela indústria transformadora (barras de alumínio), com 16%. As importações foram lideradas por bens intermediários (33%), incluindo combustíveis (10%) e material de construção (8%). Bens de consumo como arroz, trigo, automóveis e medicamentos representaram 24% das importações. A taxa de cobertura das exportações sobre as importações, excluindo os grandes projectos, foi de apenas 26%.

Moçambique ocupa a 30ª posição no Índice de Industrialização da África de 2022, entre 52 países africanos. Depois de ter ocupado a 8ª posição em 1970. Isto indica a necessidade urgente de mudanças nas políticas de desenvolvimento industrial. Países da África Austral, como África do Sul, Eswatini e Namíbia, apresentam índices de industrialização significativamente mais altos o que destaca a lacuna que Moçambique precisa de preencher.

Dadas as limitações dos dados disponíveis, o presente estudo utiliza uma análise descritiva para avaliar a evolução da indústria transformadora em Moçambique. Os dados foram colectados de várias fontes, incluindo o Instituto Nacional de Estatística (INE), Banco Mundial (WB), Banco de Moçambique (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI). A pesquisa incluiu entrevistas com especialistas, como Joseph Hanlon e João Mosca, e os dados foram rigorosamente tratados para garantir precisão.

A análise baseada na visualização gráfica captou tendências na evolução da indústria transformadora, considerando variáveis como a taxa de crescimento do PIB, o peso da indústria no PIB e a produção industrial por ramo de actividade. Usando representações gráficas, comparámos variáveis importantes ao longo do tempo e visualizámos as relações entre o desempenho da indústria e outros indicadores económicos. Usando representações gráficas, comparámos variáveis importantes ao longo do tempo e visualizámos as relações entre o desempenho da indústria e outros indicadores económicos. A produção industrial foi desagregada por ramo de actividade para destacar os sectores mais impactantes.

Durante o período colonial, o governo português implementou políticas para estimular a industrialização, resultando em um rápido progresso económico. Em 1970, Moçambique era o 8º país mais industrializado da África, com uma contribuição média da indústria de 11% do PIB, entre 1953 e 1974. No entanto, após a independência, em 1975, o país enfrentou uma grave crise económica, exacerbada pela saída massiva de colonos europeus e por sabotagem económica, resultando em uma queda drástica do PIB.

Durante o governo de Samora Machel (1977-1981) o foco foi na indústria pesada como chave para a independência económica, com subsídios bancários para sustentar indústrias em crise. Em 1982, 73% das empresas eram estatais ou intervencionadas. Parcerias internacionais foram estabelecidas para impulsionar a indústria, mas desafios como mão-de-obra não qualificada e sabotagem económica limitaram o sucesso.

A guerra civil com a RENAMO agravou a situação económica, destruindo sectores produtivos e cadeias de comercialização. Entre 1975 e 1983, a produção industrial foi dominada pelos sectores de alimentos, bebidas e tabaco, produtos químicos e derivados de petróleo e têxteis, vestuário e couros. A contribuição desses sectores variou mas a importação de produtos industriais superou significativamente as exportações.

Com a adesão às instituições de Bretton Woods, em 1984, e com a implementação do Programa de Reajustamento

Estrutural (PRE), em 1987, Moçambique começou a transição para uma economia de mercado. As medidas incluíram desvalorização do metical, liberalização de preços e comércio e redução de subsídios. No entanto, a privatização beneficiou uma elite ligada ao governo, e a reabilitação industrial falhou ao abordar problemas estruturais.

Nos anos 90, com o Acordo Geral de Paz, o crescimento económico foi impulsionado por megaprojetos, como a Mozal, mas os desafios estruturais persistiram. Sob a governo de Armando Guebuza (2005-2015) a diversificação económica e a redução da dependência de sectores tradicionais foram prioritárias, mas a falta de desenvolvimento intersectorial e a dependência de recursos naturais continuaram a ser obstáculos.

Durante a governo de Filipe Nyusi (2015-2024) a industrialização foi vista como crucial, mas a implementação de políticas não trouxe inovações significativas. A contribuição da indústria ao PIB permaneceu em torno de 8% e os desafios de corrupção, gestão incompetente e falta de infra-estruturas continuaram a impactar negativamente o sector.

O desaparecimento de indústrias como a Mabor de Moçambique, que produzia pneus de borracha, exemplifica a necessidade urgente de uma política industrial robusta. Aprender com exemplos de sucesso de países africanos e asiáticos pode ajudar Moçambique a recuperar a sua capacidade produtiva e reduzir a dependência de importações, promovendo assim um crescimento económico sustentável e a criação de empregos.

1. Introdução

Moçambique celebra, no dia 25 de Junho de 2024, quarenta e nove (49) anos de independência nacional. Neste período o país testemunhou mudanças dramáticas, especialmente no seu sector industrial, um elemento vital para o desenvolvimento económico.

Desde a independência, a contribuição da indústria para o Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu de 10%, em 1975, para 7%, em 2023, uma queda alarmante que reflecte desafios significativos¹. O desaparecimento de indústrias-chave, como alimentos, calçados e borrachas, transformou Moçambique em um “supermercado” de produtos acabados, importados.

Enquanto, por um lado, as exportações de Moçambique em 2023, por exemplo, foram dominadas em cerca de 75% pelos grandes projectos, com destaque para o sector extractivo (carvão, gás, rubis, e areias Pesadas), com uma contribuição de 57%, e indústria transformadora (barras de alumínio), com 16%, por outro, os grandes projectos, com uma contribuição de 14%, dominam as importações. Do lado das importações destaque vai para bens intermédios, com um peso de 33% do total, liderados pelos combustíveis (10%), material de construção, excluindo cimento, (8%), e alumínio bruto (4%). Os bens de consumo representam outro elemento de realce com um peso de 24% do total das importações, em 2023. Nesta categoria destaque vai para arroz e trigo (6%), automóveis (5%), medicamentos e reagentes (4%). Em termos de taxa de cobertura de comércio², excluído os grandes projectos, em 2023 as exportações cobriram 26% das importações.

Este cenário evidencia uma crescente dependência do país em relação ao exterior, para o consumo e para a produção.

Esta realidade é também sustentada pela classificação de Moçambique no trigésimo lugar (30º) do Índice de Industrialização de África, de 2022. O Índice de Industrialização de África envolve a avaliação de 52 países africanos³, classificando os países do mais ao menos industrializado. A posição de Moçambique revela a urgência de uma mudança de rumo para o alcance de níveis de industrialização e poder posicionar-se no top 10 onde se posicionam alguns países da África Austral, alguns com características similares as de Moçambique, como são os casos da África do Sul, que ocupa a 1ª posição, Eswatini na 6ª posição e Namíbia na 10 posição.

Estes números pintam um quadro claro. É hora de questionar as políticas e as estratégias de desenvolvimento industrial adoptadas ao longo dos últimos 49 anos. O que deu errado? E, mais importante, como podemos mudar esse cenário e impulsionar um crescimento económico verdadeiramente sustentável em Moçambique?

Para dar respostas a estas questões, o presente estudo divide-se em seis partes. Começa pela introdução que aborda a necessidade de compreender a evolução da industrialização em Moçambique. A metodologia adoptada é delineada ainda na primeira secção, detalhando os passos seguidos para análise. Em seguida, analisa-se a evolução da industrialização em Moçambique, desde o período colonial até aos dias actuais, destacando os principais momentos e os desafios enfrentados pelo sector industrial. Dentre esses momentos, estão as políticas pós-independência, a transição económica, o crescimento e as tendências recentes da industrialização. Além disso, o estudo investiga o impacto do desaparecimento de sectores industriais específicos, como a indústria de pneus de borracha, e busca extrair lições de outros países para entender o contexto moçambicano.

1 INE (vários anos). *Anuários Estatísticos*. Disponíveis no site: www.ine.gov.mz

2 A Taxa de Cobertura ou Taxa de Cobertura de Comércio, é um indicador de comércio e mede a proporção das exportações de um país em relação às suas importações. Dessa forma, podemos saber se o volume das exportações e do ingresso de divisas no país é maior, ou menor, do que o volume de divisas que vai para o exterior por conta das importações. Uma taxa de cobertura maior que 1 significa que o país exporta mais do que importa, o que é geralmente considerado positivo.

3 African Development Bank Group (2022). *Africa Industrialization Index 2022*. Disponível no Site: https://www.afdb.org/sites/default/files/documents/publications/africa_industrialisation_index_2022_en-web.pdf. Acesso 28/05/2024

1.1 Metodologia

Este estudo utiliza uma abordagem descritiva para o percurso da indústria transformadora em Moçambique. Esta abordagem foi escolhida devido à indisponibilidade de dados mais detalhados que poderiam ajudar a mitigar preocupações de endogeneidade usando métodos econométricos avançados, como variáveis instrumentais.

Além disso, realizou-se uma pesquisa documental e bibliográfica abrangendo estudos académicos e relatórios sobre a indústria moçambicana desde 1972 até 2023. Foram incorporados comentários de especialistas, como Joseph Hanlon e João Mosca, através de entrevistas abertas e através de consulta a artigos e livros seus sobre a indústria transformadora em Moçambique.

Os dados utilizados na análise foram coletados a partir de várias fontes, incluindo o Instituto Nacional de Estatística (INE), que fornece dados sobre PIB, produção industrial, entre outros indicadores; o Banco Mundial (WB), que oferece indicadores de desenvolvimento económico, dados de comércio exterior e investimentos estrangeiros directos; o Banco de Moçambique (BM), que fornece informações sobre o comércio externo, políticas monetárias e financeiras; e o Fundo Monetário Internacional (FMI), que disponibiliza relatórios e previsões económicas.

Os dados coletados passaram por um rigoroso processo de tratamento, incluindo: *i)* a identificação e correção de inconsistências e *outliers* - análise para detectar e corrigir dados inconsistentes e valores atípicos; *ii)* normalização e padronização dos dados - procedimentos para garantir a comparabilidade dos dados ao longo do tempo e entre diferentes fontes.

A análise baseou-se na visualização gráfica dos dados para captar tendências e padrões na evolução da indústria transformadora em Moçambique. As variáveis principais consideradas foram: *i)* a taxa de crescimento do PIB real - analisada para compreender o crescimento económico geral de Moçambique; *ii)* o peso da Indústria no PIB - avaliada para entender a participação da indústria no crescimento económico; *iii)* a contribuição da indústria no PIB - examinada para observar o impacto específico da indústria transformadora no PIB; *iv)* o peso da produção industrial por ramo de actividade - analisada para identificar a contribuição de diferentes ramos de actividade industrial no desempenho económico geral.

Ao longo do estudo foram elaborados gráficos de linha para cada variável. Os gráficos ajudam a visualizar as tendências gerais, os ciclos económicos e as variações anuais. Para identificar possíveis relações entre o desempenho da indústria e outros indicadores económicos compararam-se os gráficos das diferentes variáveis. A produção industrial foi desagregada por ramo de actividade para identificar quais os sectores que tiveram maior impacto no crescimento industrial e económico ao longo do período.

Os resultados foram analisados e discutidos, comparando diferentes períodos históricos e destacando as principais tendências e mudanças observadas no sector industrial. Foram incorporados *Insights* de especialistas para contextualizar e enriquecer os resultados quantitativos, oferecendo uma análise crítica das políticas adoptadas e das suas implicações para o futuro da industrialização em Moçambique.

Com base nos resultados gráficos e descritivos foram feitas recomendações para políticas industriais que possam promover um crescimento sustentável e inclusivo. Essas recomendações incluem sugestões práticas para a implementação de políticas, com exemplos de outros países que tiveram sucesso em iniciativas semelhantes.

1.2 Delimitação do Estudo

Este estudo visa investigar a relação entre o crescimento do PIB e a contribuição do sector industrial, com um foco específico em Moçambique desde a independência. A análise principal gira em torno da hipótese central de que o sector industrial tem um impacto positivo significativo no crescimento económico. Para embasar essa hipótese, foram considerados diversos estudos que já testaram empiricamente essa relação em diferentes contextos, nomeadamente:

1. Xi Win et al. (2022)⁴. Este estudo conclui que o sector industrial contribui positivamente para o crescimento económico nos países em desenvolvimento. Em contrapartida, as exportações de bens primários intensivos, em mão-de-obra, podem levar à desindustrialização e impactar negativamente o crescimento do PIB;
2. Lugina et al. (2022)⁵. Esta pesquisa mostra uma relação positiva entre o valor acrescentado do sector industrial e o crescimento económico na Tanzânia.
3. UNU-WIDER (2021). Um resumo sobre a importância da manufatura para o crescimento económico destaca vários pontos cruciais como: *i*) a existência de uma correlação empírica positiva entre a industrialização e o rendimento *per capita* nos países em desenvolvimento. Os países mais industrializados tendem a ser mais ricos; *ii*) a manufatura mostra níveis de produtividade mais altos em comparação com a agricultura, proporcionando um bônus de mudança estrutural quando os recursos são transferidos da agricultura para a manufatura; *iii*) a manufatura beneficia-se das economias de escala, embora os serviços de TIC's modernos também explorem essas economias; *iv*) a manufatura, ao impulsionar tanto o progresso tecnológico incorporado quanto desincorporado, desempenha um papel crucial na melhoria da produtividade, competitividade e no crescimento sustentável dos países em desenvolvimento. Isso, por sua vez, é essencial para a recuperação económica e para o desenvolvimento de longo prazo desses países; e *v*) a manufatura tem fortes ligações directas e indirectas e efeitos multiplicadores, melhorando o crescimento económico geral⁶.

1.3 Limitações do Estudo

Este estudo possui algumas limitações que incluíram a disponibilidade e a qualidade de certos dados, o que impossibilitou a utilização de modelos econométricos avançados para identificar relações causais. Essas limitações foram consideradas ao interpretar os resultados e formular recomendações. Algumas das conclusões devem ser vistas como correlações, e não causalidades, deixando a resolução de questões de endogeneidade para pesquisas futuras.

4 Xi Win et al. (2022). *Manufacturing, Exports, and Sustainable Growth: Evidence from Developing Countries*. Disponível no site: <https://www.mdpi.com/2071-1050/14/3/1646>. Acesso 17/08/2023

5 Lugina, E. J., et al. (2022). *Effects of industrialization on Tanzania's economic growth: a case of manufacturing sector*. *Futur Bus J* 8, 62 (2022). Disponível no site: <https://fbj.springeropen.com/articles/10.1186/s43093-022-00177-x>. Acesso 17/08/2023

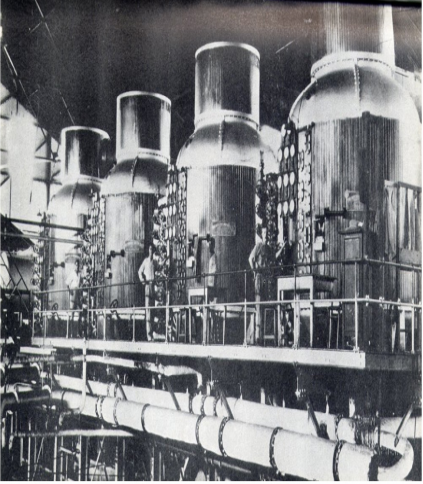
6 UNU-WIDER (2021). *Is Manufacturing Still the Main Engine of Growth in Developing Countries?* Disponível no site: <https://www.wider.unu.edu/publication/manufacturing-still-main-engine-growth-developing-countries>. Acesso 17/08/2023

2. Evolução da Industrialização em Moçambique

2.1 Breve Panorama do Sector Industrial Moçambicano Durante o Período Colonial

O Governo colonial português, procurando garantir os seus próprios interesses políticos, económicos e sociais, desenhou um conjunto de políticas de incentivo que visavam estimular as suas exportações, as oportunidades de investimento e emprego para os cidadãos portugueses; estimular o fluxo migratório para as suas colónias, que pudessem garantir mais rendimento a Portugal, e disponibilidade militar para a segurança dos seus interesses. Pretendiam, igualmente, oferecer um mercado para a recolocação dos equipamentos e de máquinas tecnologicamente ultrapassadas e fisicamente depreciados que a indústria portuguesa teria de substituir no processo da sua modernização⁷. Como consequência, surgiu um parque industrial em Moçambique que visava essencialmente responder aos interesses acima citados.

Face a esta situação, Moçambique conheceu em pouco tempo um progresso económico extremamente rápido. Por volta de 1970, Moçambique era o 8º país mais industrializado do continente com uma base de produção industrial bastante diversificada⁸. Esta industrialização foi graças ao surgimento de complexos agro-industriais de açúcar e de sisal, indústrias de extracção de óleos vegetais, do descaroçamento e prensagem de algodão, da preparação do chá, da serração de madeira, do sabão, do tabaco, da cerveja, do cimento, do vestuário, moagem de trigo, a fiação e tecelagem de algodão e juta; a refinação de petróleos, a laminação de ferro e aço, a construção e montagem de material de caminho de ferro, o descasque da castanha de caju e outras⁹.

Refinaria de Petróleo na Matola	Vista parcial da zona industrial da Matola	Fábrica de açúcar no Luabo
		
Fonte: síntese monográfica de Moçambique (1971)		

A indústria que surgiu em Moçambique nesse período contribuía, em média, para o PIB em cerca de 11% por ano, isto entre 1953 a 1974. O crescimento económico no mesmo período foi, em média, de 8% ao ano. Verifica-se, neste período, uma consistência entre o aumento da contribuição do sector industrial no PIB e o crescimento económico. Conforme ilustra o gráfico 1, abaixo, as variações do PIB, tanto positivas tal como as negativas, eram acompanhadas pelas variações no mesmo sentido da contribuição da indústria no PIB. Estes dados indicam que neste período existia alguma correlação entre estas duas variáveis¹⁰.

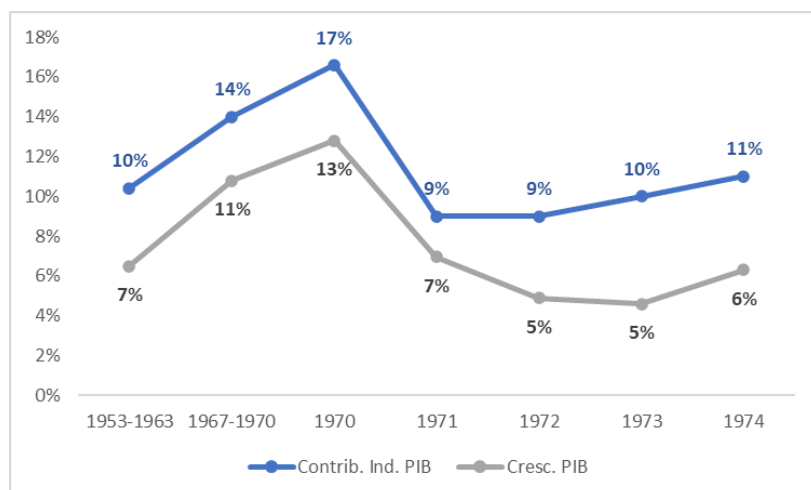
7 Castel-Branco, C.N. (1994), Problemas Estruturais de Industrialização: A Indústria Transformadora. In Castel-Branco, C.N. (ed), Moçambique: Perspectivas Económicas. UEM & Fundação Friedrich Ebert, Maputo

8 Pitcher, M.A. (2002), *Transforming Mozambique: the politics of Privatization, 1975-2000*, Cambridge.

9 Chichava J. (2005), *A Indústria Moçambicana: caracterização, estrutura e políticas industriais*

10 Em probabilidade e estatística, correlação, dependência ou associação é qualquer relação estatística causal ou não causal, entre duas variáveis. É qualquer relação dentro de uma variedade de relações estatísticas que envolva dependência entre duas variáveis.

Gráfico 1: Contribuição da indústria no PIB (%) – 1953-1974

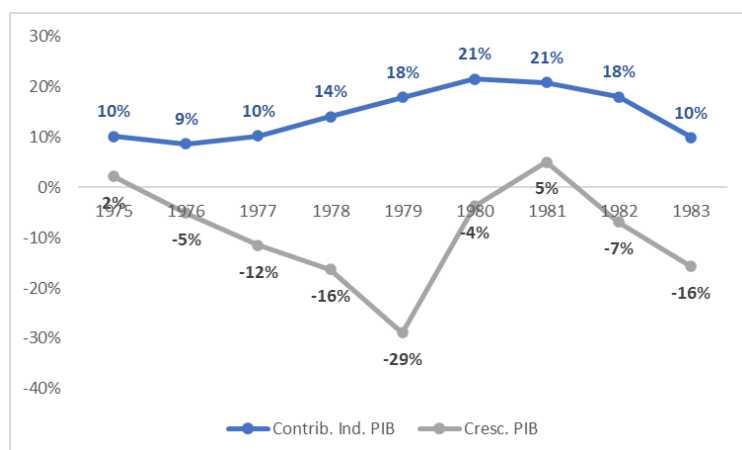


Fonte: Vários números: Instituto Nacional de Estatística, Banco Mundial e Finisterra (Revista portuguesa de Geografia)¹¹

2.2 Impacto das Políticas Pós-Independência na Industrialização (1975-1983)

Logo depois da independência, em 1975, o país viveu uma crise económica causada pela desagregação do sistema económico colonial, acompanhado pela saída maciça de colonos europeus, que adoptou uma postura de sabotagem económica com implicações nos principais sectores chaves da economia¹². O crescimento do PIB, conforme se pode ver pelo gráfico 2, abaixo, foi em média de -12%, tendo passado de 2%, em 1975, para -29%, em 1979. No mesmo período, a contribuição do sector da indústria no PIB foi em média de 12%, tendo passado de 10% para 18%. Verifica-se, neste período, um desalinhamento entre o crescimento do PIB e a contribuição do sector da indústria, isto é, enquanto o PIB foi decrescendo a contribuição deste sector foi aumentando.

Gráfico 2: Contribuição da Indústria no PIB (1975-1983)



Fonte: Castel-Branco e Banco Mundial¹³

¹¹ Coelho, C. A. (1973). Moçambique. Finisterra, 8(15). <https://doi.org/10.18055/Finis2401>

¹² Wuyts, M. (1989). *Money and planning for a social transition: the Mozambique experience*. Disponível no site: <https://oro.open.ac.uk/89097/1/09.pdf>. Acesso 17/08/2023

¹³ Castel-Branco, C.N. (1994). Problemas Estruturais de Industrialização: A Indústria Transformadora. In Castel-Branco, C.N. (ed), Moçambique: Perspectivas Económicas. UEM & Fundação Friedrich Ebert, Maputo

Entre 1977-1981, o Governo de Moçambique, dirigido pelo presidente Samora Machel, buscando fortalecer o papel relevante do sector estatal na economia, tomado como sector chave, implementou várias iniciativas, denominadas por política económica ofensiva, que definiam a indústria pesada como o factor decisivo à conquista da independência económica¹⁴.

Num contexto de uma planificação centralizada, foram definidos, através do Plano Prospectivo Indicativo, em finais de 1979, objectivos para a indústria, a serem alcançados durante o período 1980-1990¹⁵. O objectivo inicial do governo de Machel era manter os postos de trabalho a todo o custo, atribuindo subsídios bancários, e assim manter estas indústrias a funcionar e responder a crise do pós 1975. A principal motivação estava enraizada na necessidade de estabilizar a economia, garantir a coesão social, consolidar a legitimidade política e promover o desenvolvimento industrial sustentável num contexto de desafios pós-independência.

Era especialmente importante para este Governo manter em funcionamento as empresas abandonadas, como são os casos da fábrica de produção de aço, a Companhia Siderúrgica de Moçambique (CIFEL)¹⁶. Em 1982, cerca de 73% das empresas da indústria, comércio e agricultura eram já empresas estatais ou intervencionadas e apenas 27% continuavam a ser privadas¹⁷.

As empresas privadas que continuaram a operar no país sofreram grandes restrições e enfrentaram dificuldades consideráveis. O Governo moçambicano controlava rigidamente as suas actividades. Eram obrigadas a apresentar anualmente planos de trabalho e relatórios de contas, a receber representantes do Estado, a vender e a comprar ao Estado¹⁸.

O Governo de Samora defendia que o Estado deveria controlar os pontos mais altos da indústria, o que incluía as explorações agrícolas estatais. Neste sentido, firmaram-se ligações com vários países. Estas ligações tiveram como resultados: o surgimento de um enorme projecto de algodão com a Roménia, a fábrica têxtil de Mocuba com a Alemanha do Leste e a fábrica de pneus da General Tire com os EUA e Portugal. As empresas coloniais Madal, João Ferreira dos Santos (JFS), Entreposto, empresas açucareiras e a Anglo-American foram encorajadas a continuar a operar¹⁹.

Estas iniciativas possibilitaram uma recuperação económica tendo o PIB atingindo um crescimento de 5% em 1981 depois de ter atingido -29% em 1979. A contribuição industrial manteve uma média de 17%, entre 1977-1981. No entanto, em 1982, tanto a contribuição do sector como o PIB registam um decréscimo. Em 1983, o PIB voltou a crescer em 43% e a contribuição industrial continuou a decrescer tendo atingido 10%. A falha deste plano deveu-se ao facto de se ter corrido para reabilitar a indústria antes de se proceder com a transformação da sua estrutura produtiva, dependente do exterior para produzir e comercializar, para além de estas indústrias serem económica e financeiramente insustentáveis²⁰.

Dito de outra forma, o plano falhou devido ao excesso de mão-de-obra não qualificada, fuga massiva de quadros, após a independência, sabotagem, excesso de centralização na planificação (todo o investimento era público), dependência de recursos externos para o investimento, escassez de receitas em divisas, orientação comercial excessivamente, centrada no mercado interno, relação estruturalmente inadequada com o sector agrário, concessão de crédito ilimitado e indiferenciado à algumas empresas consideradas estratégicas que não eram encorajadas a ser lucrativas e a mecanismos de preços controlados e determinados centralmente²¹.

14 Wuyts, M. A organização das finanças e o desenvolvimento económico em Moçambique: Do sistema capitalista ao desenvolvimento socialista. UEM, 1983, Texto 105.

15 Chichava, J. (sem ano). A Indústria Moçambicana: caracterização, estrutura, políticas industriais e outros aspectos relevantes.

16 Joseph Hanlon, jornalista, cientista social e Professor Sênior em Políticas e Práticas de Desenvolvimento na Open University, Milton Keynes, Reino Unido em comentários ao presente artigo.

17 Hanlon, J. (1984). Mozambique: The Revolution under fire. Third World Books. London, UK: Zed Books Ltd.

18 Pitcher, A. (2003). Sobreviver à transição: o legado das antigas empresas coloniais em Moçambique. Colgate university, department of political disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791363I3gSX5sc0Tn03TK0.pdf>. Acesso aos 19/06/2023

19 Joseph Hanlon, jornalista, cientista social e Professor Sênior em Políticas e Práticas de Desenvolvimento

20 Castel-Branco, C.N. (1994), Problemas Estruturais de Industrialização: A Indústria Transformadora. In Castel-Branco, C.N. (ed), Moçambique: Perspectivas Económicas. UEM & Fundação Friedrich Ebert, Maputo

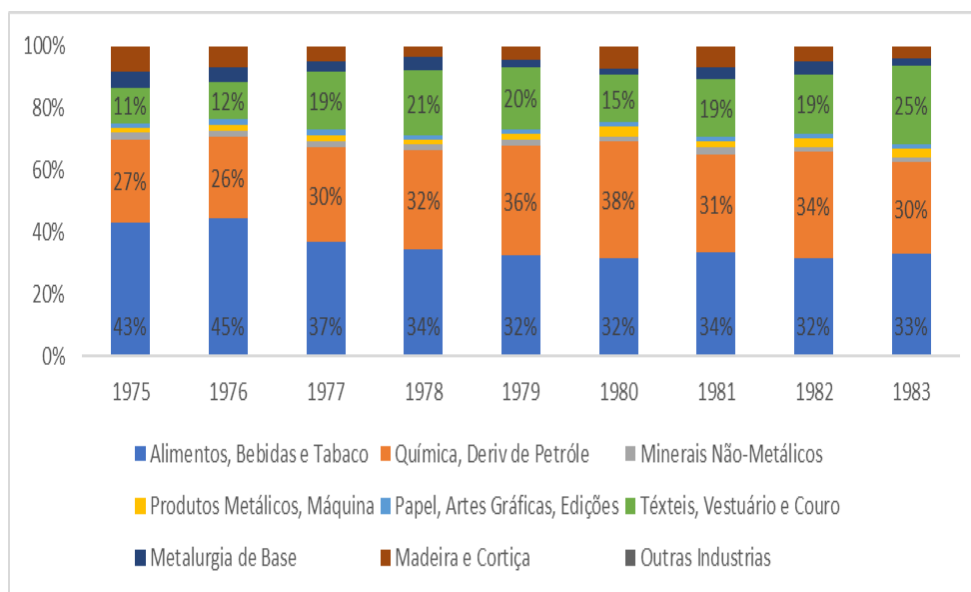
21 Chichava, J. (sem ano). A Indústria Moçambicana: caracterização, estrutura, políticas industriais e outros aspectos relevantes.

A guerra iniciada pela RENAMO, poucos anos após a independência foi outro elemento determinante para o fracasso do plano. Politicamente, por exemplo, a General Tire e a Anglo-American foram forçadas a retirar-se no início da década de 1980. As machambas estatais, os caminhos-de-ferro e a Fábrica de Têxteis de Mocuba foram todos atacados e tornados inviáveis. Um alvo chave da RENAMO era o sector produtivo, particularmente as cantinas rurais e o equipamento agrícola²². Esta situação destruiu toda a cadeia de comercialização herdada do período colonial.

Conforme se pode ver pelo gráfico 3, abaixo, a produção industrial no período 1975-1983 foi dominada por três sectores de produção: o ramo dos alimentos, bebidas e tabacos; o ramo da indústria química e derivados de petróleo e o ramo dos têxteis, vestuário e couros, com um peso global de 85%. É possível verificar que neste período há uma tendência de redução da produção do ramo dos alimentos bebidas e tabaco, de um peso de 43%, em 1975, para 33%, em 1983. No mesmo período, verifica-se um aumento no peso do sector dos têxteis, de 11% para 23%.

No período de 1975-1983 as importações de produtos industriais superavam em larga escala as exportações. Em média, a taxa de cobertura do comércio foi de 26%, sendo que em 1975 era de 30% e em 1983 de 17%. Importa referir que a política monetária de Moçambique, entre 1975 e 1983, foi caracterizada pela sobrevalorização da moeda e por controlo estrito do câmbio, o que contribuiu para a deterioração da posição da indústria nacional no comércio internacional, exacerbando os desafios económicos e comerciais do país. Estes dados mostram a deterioração da posição da indústria nacional no comercio internacional (ver gráfico 4 abaixo). Importa salientar que neste período as importações eram maioritariamente de matérias primas, peças sobressalentes e equipamentos.

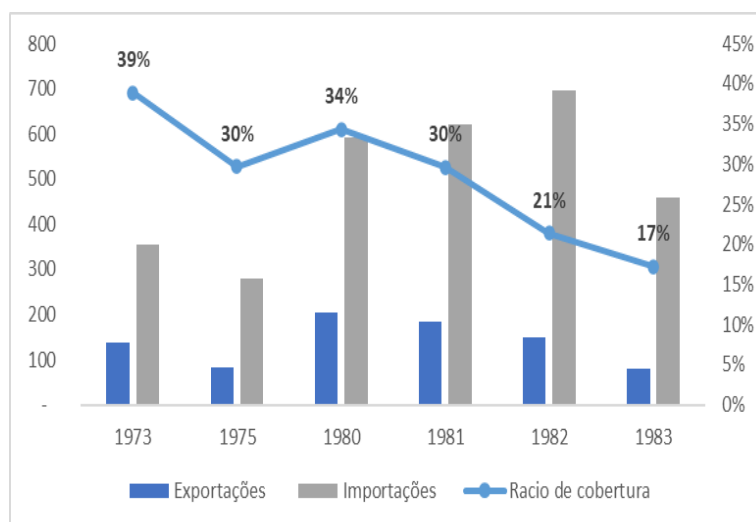
Gráfico 3: Produção Industrial por ramo de actividade (1975-1983)



Fonte: Castel-Branco e Banco Mundial

²² idem

Gráfico 4: Taxa de Cobertura de Comércio (1973-1985) - valores em milhões de USD



Fonte: Castel-Branco e Banco Mundial

2.3 Transição Económica e Desafios Industriais em Moçambique: do Socialismo ao Programa de Reajustamento Estrutural (1984-1994)

Em 1984, com o advento da estagnação da economia, aumento da dívida externa, a guerra e a destruição de infra-estruturas, que conduziram à derrocada do projecto socialista, na sequência do IV Congresso do Partido FRELIMO, Moçambique pede adesão às instituições da Bretton Woods - Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (BM). Este período marca a transição para a economia de mercado.

Como contrapartida, foi exigida a implementação do Programa de Reajustamento Estrutural (PRE), lançado em 1987, que mais tarde acresceu a componente social, transformando-se em PRES. Neste sentido, o país adoptou uma série de medidas, como a desvalorização do metical, a liberalização dos preços e do comércio, a reunificação dos mercados paralelo e oficial, a redução de gastos públicos em subsídios ao consumo e às empresas estatais, a diminuição dos investimentos e custos nas áreas da saúde e educação²³.

O PRE pressupunha uma reabilitação do sector industrial herdado do colonialismo com base em fundos externos que pudessem garantir a importação de peças e sobressalentes, equipamentos e assistência técnica, bem como para matérias-primas, materiais auxiliares e combustíveis. Pressupunha, igualmente, o fim da guerra e a recuperação rápida da economia rural, e ainda que a produção industrial encontrasse um mercado disponível para todo o seu produto. Neste sentido, a reabilitação industrial foi orientada para um grupo de empresas consideradas estratégicas e outro que beneficiou de certas facilidades para a reabilitação e a manutenção do equipamento e aquisição de matérias-primas e materiais auxiliares²⁴.

O Programa de Reestruturação e Privatização de Empresas Estatais, no âmbito do PRE, cujo objectivo era de melhorar a eficiência e a competitividade das empresas, além de atrair investimento estrangeiro, foi um autêntico falhanço. Este programa levou à privatização ou encerramento de varias empresas estatais. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, sectores industriais inteiros – como o farmacêutico, plástico, vidro, têxteis, castanha de caju - foram à falência, tendo como consequência o aumento do desemprego²⁵.

No processo das privatizações, os capitalistas nacionais, que eram na sua maioria antigos funcionários do

23 Mosca, J. (2002). *Encruzilhadas de África – ênfase para os PALOP*. Lisboa: Instituto Piaget

24 Chichava, J. (sem ano). *A Indústria Moçambicana: caracterização, estrutura, políticas industriais e outros aspectos relevantes*.

25 Coughlin, P. (2005). "Globalização, Imperativos Tecnológicos e Relações de Trabalho em Moçambique". In Peter Coughlin (Org.) *Relações Laborais em Moçambique – Lei, Prática e Implicações Económicas incluindo Comparações Internacionais*. Maputo: EconPolicy Research Group, Lda., pp. 122-224

Governo, apoiantes da FRELIMO ou ex-administradores de empresas estatais que viram a sua entrada no mundo dos negócios facilitada pela sua relação com o Estado, compraram 90% das empresas estatais privatizadas e fizeram parte da maioria dos projectos que surgiram, no âmbito das privatizações²⁶.

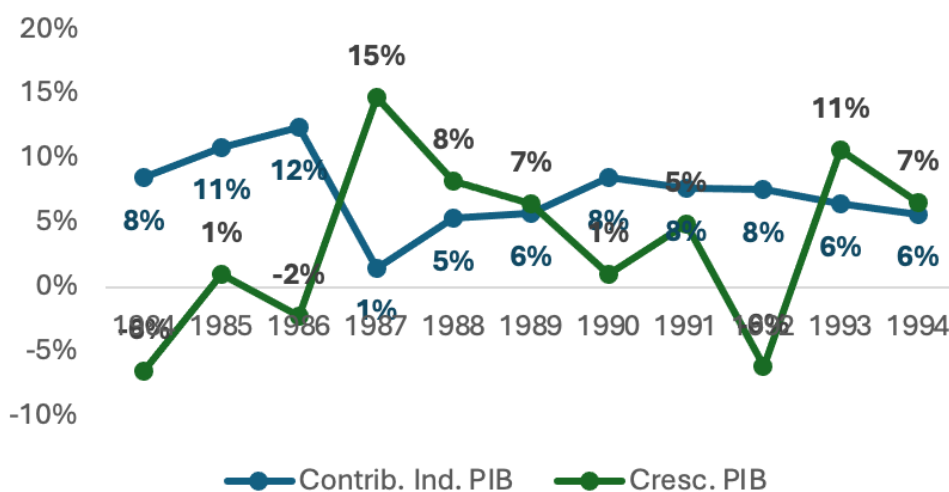
Um dos exemplos da captura do sector por pessoas poderosas é demonstrado pelo facto de, entre 1987 e 1997, todos os membros da Comissão Política da Frelimo estarem directamente envolvidos na criação de actividades empresariais ou integrarem Conselhos de Administração de empresas²⁷. Como resultado desta forma de actuação, o objectivo de tornar o sector industrial eficiente e mais produtivo foi capturado e transformado por actores poderosos.

Para além da captura, a estratégia de reabilitação industrial ignorou os problemas estruturais da indústria existente, nomeadamente: *i)* a sua debilidade estrutural; *ii)* a sua fraca ligação inter e intra-sectorial; *iii)* a sua completa dependência do exterior; e *iv)* a sua incapacidade de competir e ganhar mercados externos importantes²⁸. Neste sentido, a estratégia não conseguiu atingir os níveis de contribuição da indústria no PIB de 20%, em média, atingidos entre 1979 a 1982.

Entre 1984 a 1994, conforme se pode ver pelo gráfico 5, abaixo, o PIB cresceu a uma taxa média de 4%, saindo de -5%, em 1984, para 7%, em 1994. A contribuição da indústria no PIB cresceu na mesma altura numa média de 7%. O gráfico ??? mostra que após uma recuperação do PIB em 1987, nos anos subsequentes decresceu e voltou a crescer em 1993, mas com um decrescimento no ano seguinte. O crescimento ocorre após a assinatura dos Acordos Gerais de Paz com a RENAMO, em 1992, que puseram fim a 16 anos de conflito armado, que destruiu a grande maioria da base produtiva herdada do colonialismo.

A contribuição industrial, por seu lado, mostrou uma tendência de redução, de 12%, em 1986, para 6%, em 1994. Esta queda pode ser explicada pelo facto de a produção industrial ter crescido como resultado directo da injeção de divisas dirigidas nos primeiros anos da sua implementação para a importação de peças, sobressalentes, combustíveis e matérias-primas. No entanto, tal estratégia viria a consolidar a dependência externa do sector, com efeitos imediatos no declínio posterior dos níveis de produção.

Gráfico 5: Contribuição da Indústria no PIB (1984-1994)



Fonte: INE, Castel-Branco e Banco Mundial²⁹

26 Pitcher A. (2003). Sobreviver à transição: o legado das antigas empresas coloniais em Moçambique. Colgate university, department of political disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/121879136313gSX5sc0Tn03TK0.pdf>. Acesso aos 19/06/2023

27 Feijó, J. (). *Mudam-se os tempos, mudam-se os modos de pensar? (Des)continuidades nas reflexões sobre o trabalho em Moçambique*. Disponível no site: <https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/parte-ii-mudam-se-os-tempos-jfeijo.pdf>. Acesso 18/08/2023

28 idem

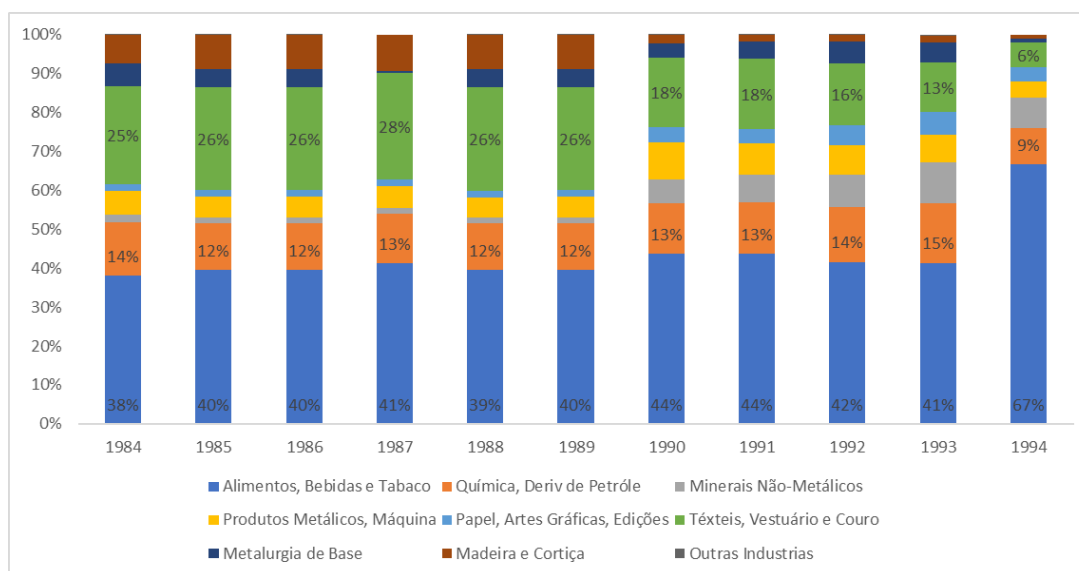
29 Castel-Branco, C.N. (1994). Problemas Estruturais de Industrialização: A Indústria Transformadora. In Castel-Branco, C.N. (ed), Moçambique:

Neste período, o sector industrial continuou a ser dominado pelo ramo dos alimentos bebidas e tabacos, com um peso de médio de 43%, pelo ramo da industria química e derivados de petróleo, com um peso médio de 13% e pelo ramo dos têxteis, vestuário e couros, com um peso médio de 21%. Estes três ramos representam uma média de 77%, uma redução do seu peso em 8pp.

É possível verificar que o ramo dos alimentos aumentou o seu peso de 38%, em 1984, para 67%. O ramo da industria química reduziu o peso de 14% para 9% e o ramo da industria têxtil reduziu de 25% para 6%. No mesmo período, houve uma redução do peso significativo e digno de realce do sector de metalurgia de base, que saiu de 6% para 1%. Importa referir que este sector no período anterior analisado neste texto tinha um peso de 4%. Ver gráfico 6, abaixo.

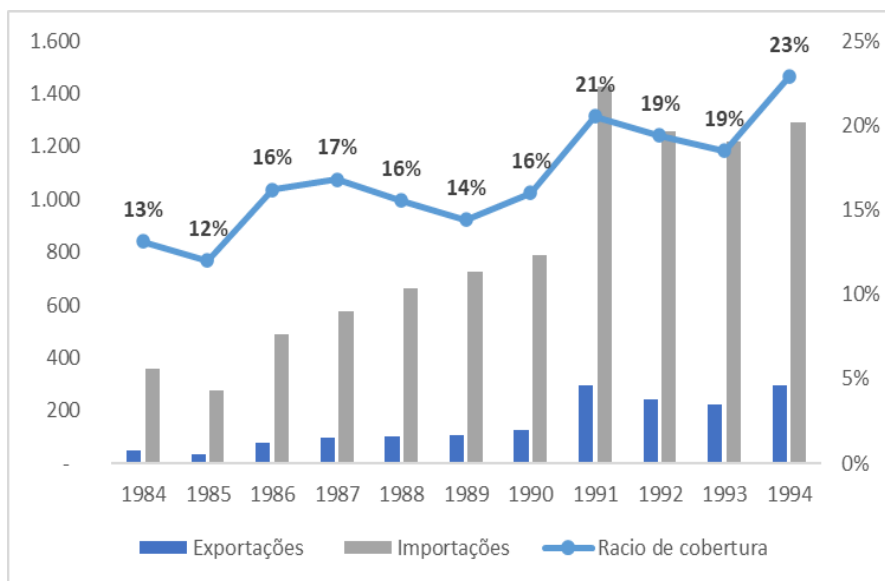
Em termos de Taxa de Cobertura de Comércio, o rácio médio entre 1984-1994 foi de 17%, uma redução de 9pp em relação ao período anterior analisado neste texto. Embora o rácio tenha apresentado uma tendência decrescente no período anterior, entre 1984-1994 a tendência foi crescente, passando de 13%, em 1984, para 23%, em 1994 (ver gráfico 7 abaixo), mas ainda abaixo da média do período anterior (1973-1985), que foi de 26%.

Gráfico 6: Produção Industrial por ramo de actividade (1984-1994)



Fonte: INE, Anuários Estatísticos (vários anos)

Gráfico 7: Taxa de Cobertura de Comércio (1984-1994) - valores em milhões de USD



Fonte: INE

2.4 Crescimento, Desafios e Oportunidades do Sector Industrial (1995-2004)

O Acordo Geral de Paz abriu espaço, pelo menos teórico, para o florescer do sector industrial dentro de uma filosofia diferente da anterior conjuntura. O Governo de Chissano definiu a erradicação da pobreza como sua prioridade. Para tal estabeleceu como meta, atingir um crescimento anual do PIB entre 6 e 7%, devendo este crescimento aumentar para 8 à 9% até ao fim do século³⁰.

Para o sector industrial foi proposto, numa primeira etapa, que compreende o curto e médio prazos (1997-2007), consolidar o crescimento que vinha sendo registado no sector, continuar com a sua reabilitação e modernização e criar as melhores condições para a sua expansão. Numa segunda etapa, que cobre o longo prazo (1997-2012), expandir o sector, incluindo as alterações à sua estrutura, concretamente, apostar-se no desenvolvimento de uma indústria exportadora com base na valorização de vantagens comparativas potenciais que advêm dos recursos naturais e geoeconómicos. Pretendia-se implantar novas indústrias de base que visassem a transformação do sector e o enquadramento mais viável, eficaz e competitivo da indústria existente³¹.

Como resultado, o PIB cresceu neste período a uma média de 8% por ano, sendo 1pp acima do previsto (ver gráfico 8). É preciso notar que neste período foram verificados dois momentos extremos baixos nomeadamente, em 1995, onde o PIB cresceu em 2% e, o ano 2000, em que o PIB cresceu em 1%. O ciclone Nádía, em 1994, a crise financeira asiática de 1997 e o ciclone Eline, em 2000, foram os fenómenos exógenos de maior impacto que influenciaram negativamente a economia moçambicana neste período³².

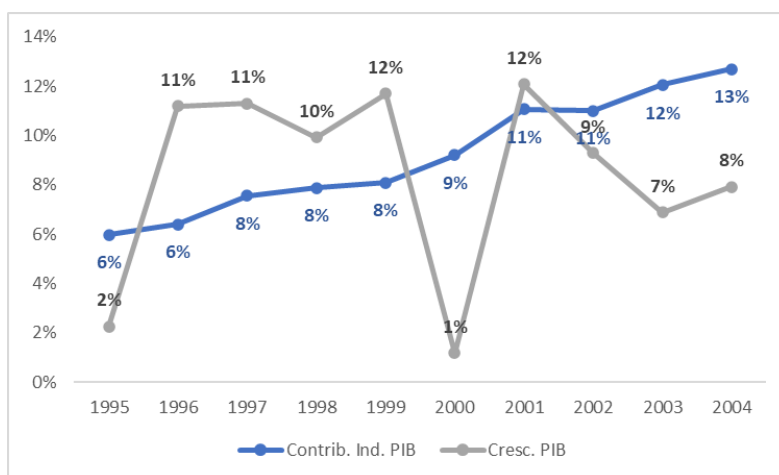
Enquanto por um lado o PIB crescia de forma oscilante, a contribuição do sector industrial no PIB foi crescendo de forma consistente a uma média de 9%, sendo 2pp acima do período anterior analisado neste texto. Em termos gerais, a contribuição da indústria saiu de 6%, em 1995, para 13%, em 2004 (ver gráfico 8).

30 Governo de Moçambique (1995 e 2000), *Programa do Governo para 1995-99*, e *Programa do Governo para 2000-2005*

31 Governo de Moçambique (1995 e 2000), *Programa do Governo para 1995-99*, e *Programa do Governo para 2000-2005*

32 Diário do Grande ABC (21/02/2000). *Ciclone 'Eline' devasta Moçambique*. Disponível no site: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/106440/ciclone-eline-devasta-mocambique>. Acesso 23/08/2023

Gráfico 8: Contribuição da Indústria no PIB (1995-2004)



Fonte: INE, Castel-Branco e Banco Mundial³³

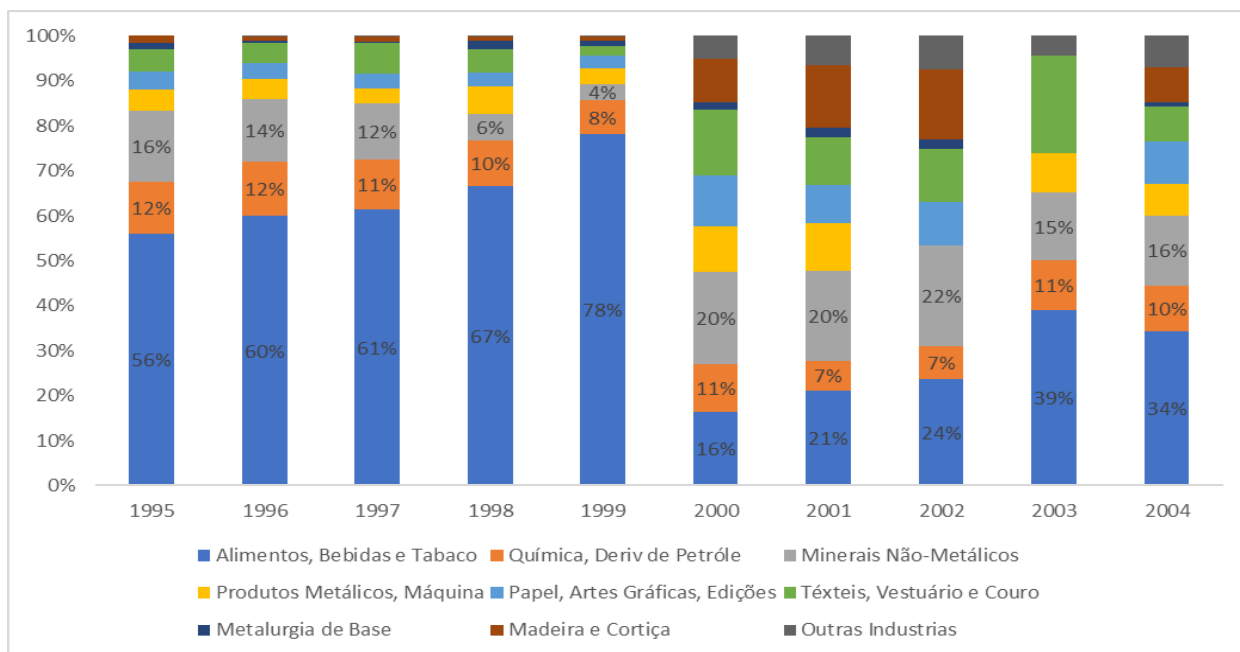
O sector industrial moçambicano, durante esse período, estava concentrado nos ramos da produção de alimentos, bebidas e tabaco, com uma média de 46% da produção total do sector. O ramo dos minerais não-metálicos, com uma média de 14%, era o segundo maior contribuinte e o ramo dos produtos químicos, com 10%, o terceiro. É possível ver, com estes dados, a queda do ramo têxtil, que ocupava os três principais ramos de produção em 57%, tendo passado de um peso médio de 21% para 9%.

Neste período, a taxa média de cobertura de comércio foi de 46%, um aumento de 28pp em relação ao período anterior analisado neste texto. A tendência do rácio foi crescente, tendo saído de 27%, em 1995, para 81%, em 2004. Importa referir que o crescimento do rácio foi fortemente influenciado pela entrada em funcionamento do projecto fundição de alumínio pela empresa Mozal, em 1998, como parte de um programa de recuperação do investimento estrangeiro para ajudar a reconstruir o país após a guerra civil. A entrada em funcionamento da empresa Mozal fez com que o ramo da metalurgia de base aumentasse a sua contribuição de 1%, em 1995, para 43%, em 2006. A base para a contribuição da Mozal ao crescimento do rácio de cobertura de comércio de Moçambique está principalmente nas exportações de alumínio, que passaram a constituir uma parte significativa das exportações totais do país. Isso, por sua vez, teve um efeito positivo, tanto no rácio de cobertura de comércio, quanto na produção industrial do país.

Por conta do impacto considerável na economia do país da entrada de megaprojectos, como é o caso da Mozal em 1998, o cálculo do PIB começou a considerar a inclusão e exclusão dos megaprojectos a partir do final da década de 1990. Com base neste novo elemento, podemos verificar que, excluído os megaprojectos, a taxa de cobertura de comércio neste período foi de 35%, o que representa 11pp abaixo da média com a inclusão dos megaprojectos. Mostra-se aqui a importância da análise da taxa de cobertura com a inclusão e exclusão destes dados.

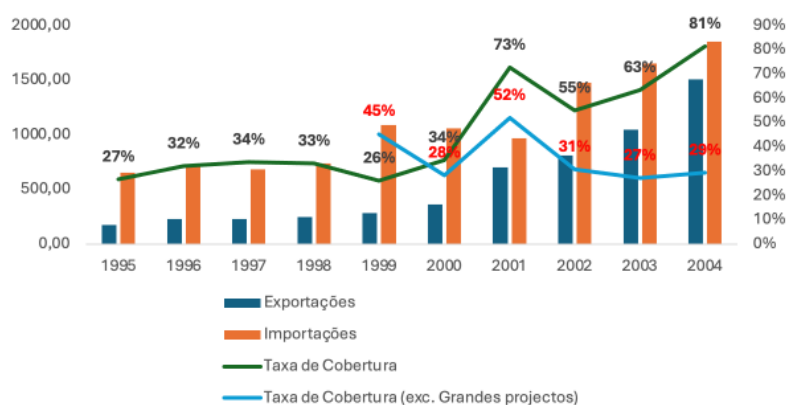
33 Castel-Branco, C.N. (1994), Problemas Estruturais de Industrialização: A Indústria Transformadora. In Castel-Branco, C.N. (ed), Moçambique: Perspectivas Económicas. UEM & Fundação Friedrich Ebert, Maputo

Gráfico 9: Produção Industrial por ramo de actividade (1995-2004)



Fonte: INE, Anuários Estatísticos

Gráfico 10: Taxa de Cobertura de Comércio (1995-2004) - valores em milhões de USD



Fonte: INE

Um relatório produzido pela Unidade Técnica de Reorganização de Empresas (UTRE), em 1998, mostra que das 840 empresas privatizadas, entre 1992 a 1997, cerca de 243 estavam a enfrentar crises financeiras e laborais, estando, a maioria, a produzir abaixo da sua capacidade instalada. Destas, 40 empresas estavam totalmente paralisadas e muitas devendo salários aos seus trabalhadores. O mesmo relatório revela que mais de 100 mil trabalhadores perderam os seus empregos como consequência directa do processo das privatizações³⁴.

Mais uma vez, os problemas estruturais base da economia moçambicana não foram tomados em conta. Durante o governo de Joaquim Chissano, o elenco não foi capaz de: *i)* promover um investimento em infra-estruturas adequado, como estradas de qualidade, energia elétrica confiável e sistemas de transporte eficientes para as operações industriais; *ii)* eliminar as barreiras burocráticas e regulatórias que privilegiavam uma elite de empresários ligados ao Governo; *iii)* criar uma massa de trabalhadores qualificados e treinados em tecnologias modernas que pudesse responder às necessidades das empresas; e *iv)* eliminar ou reduzir a dependência excessiva de recursos naturais, o que tornou a economia vulnerável a flutuações nos preços globais desses recursos, e que leva a relativamente menos efeitos de transbordamentos do que outras indústrias.

Superar esses desafios requeria abordagens estratégicas abrangentes, políticas eficazes e um ambiente favorável aos negócios, o que não foi criado.

³⁴ Unidade Técnica de Reorganização de Empresas (1998). *Privatizações em Moçambique: 1998 – O Ano da Consolidação*. UTRE/MPF, N.º. 5, Março

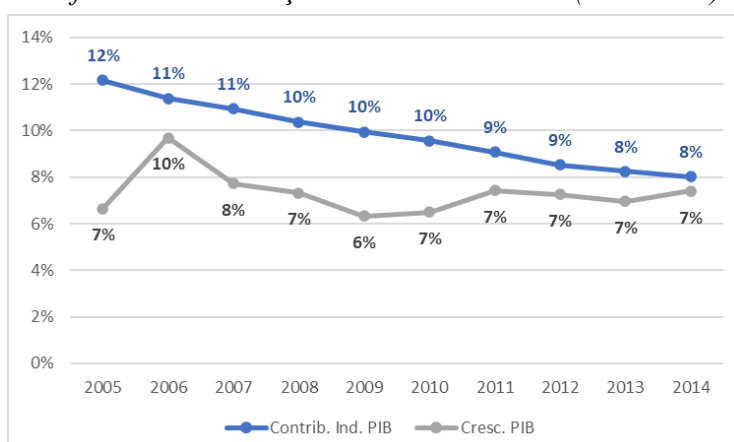
2.5 Investimentos Estrangeiros, Diversificação e Mudanças Estruturais na Indústria (2005-2014)

Durante o governo de Armando Guebuza, entre 2005 e 2015, um dos principais objectivos definidos foi a redução da dependência da economia em sectores tradicionais, como agricultura e recursos naturais, e diversificar a base económica por meio do desenvolvimento industrial. Neste sentido, o governo de Guebuza pretendia alcançar um crescimento do PIB médio de 7 a 8% ao ano. Alguns dos principais objetivos relacionados à indústria incluíam³⁵: i) revitalizar o sector têxtil e de vestuário, o sector metalomecânico e o sector agro-industrial; ii) promover a criação e o desenvolvimento de parques industriais; iii) promover o surgimento de micro, pequenas e médias empresas aproveitando os recursos locais; iv) promover o desenvolvimento de indústrias ao longo dos três corredores ferro-portuários; e v) assegurar a instalação de indústrias sãs, garantindo a manutenção do equilíbrio ecológico e a preservação do meio ambiente.

É importante notar que, enquanto esses eram os objetivos gerais para a indústria, durante o governo de Guebuza, a sua implementação foi outra história. O PIB cresceu a uma média anual de 7%, isto é, dentro das metas definidas, mas 1pp menos que o período anterior. Um aspecto de realce neste período é a consistência do crescimento do PIB sem grandes oscilações apesar da ocorrência do ciclone Favio, em 2007, o ciclone Jokwe, em 2008, o ciclone Funso e Giovanna, em 2012, as inundações, em 2013, e seca, em 2014.

Neste período, enquanto por um lado o PIB crescia de forma consistente, a contribuição da indústria no PIB conhecia o sentido inverso. A contribuição média do sector neste período foi de 10%, correspondente a um aumento de 1pp comparativamente ao período anterior. O peso do sector reduziu de 12%, em 2005, para 8%, em 2014 (ver gráfico 11). Outro aspecto digno de realce é a inconsistência entre o crescimento do PIB e a queda da contribuição industrial, o que mostra indícios de que este não era um sector prioritário neste período.

Gráfico 11: Contribuição da Indústria no PIB (1995-2004)



Fonte: INE e Banco Mundial

O ramo da metalurgia, que começou a ganhar espaço com o início da fundição de alumínio pela empresa Mozal, passa a ocupar a posição de maior peso na produção industrial, com um peso médio de 48%. No início, em 2005, a contribuição era de 1% e, no final, em 2014, a contribuição passou para 41%, com um pico de 74% em 2008. Em termos práticos pode-se pensar que a participação da indústria caiu apesar do surgimento da MOZAL, ou seja, sem a MOZAL, a queda teria sido ainda mais significativa. O ramo da produção alimentar passa a ocupar a segunda posição, com uma contribuição média de 32%, e o ramo dos minerais não metálicos a terceira posição, com uma média de 7%. O ramo têxtil, apesar de ser um dos objectivos da governação, consolida a sua queda, saindo de uma contribuição de 8%, em 2005, para 1%, em 2014. Ver gráfico 12.

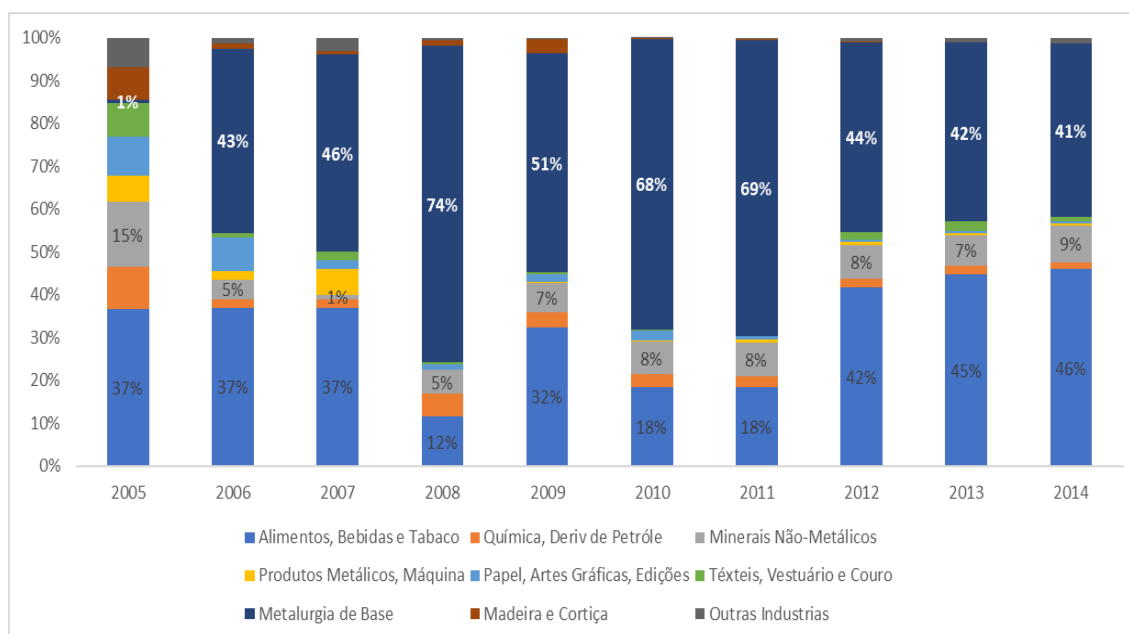
Em termos de taxa de cobertura de comércio, o rácio mostrou uma tendência decrescente, saindo de 78%, em 2005, para 49%, em 2014. A cobertura média no período foi de 66%, representado um aumento em 20pp em

35 Governo de Moçambique (2005 e 2010), Programa do Governo para 2005-2009, e Programa do Governo para 2010-2014, Maputo

relação ao período anterior. Retirando a influência dos grandes projectos, a taxa de cobertura situa-se numa média 28%, o que representa menos 7pp comparativamente ao período anterior. Ver gráfico 13, abaixo.

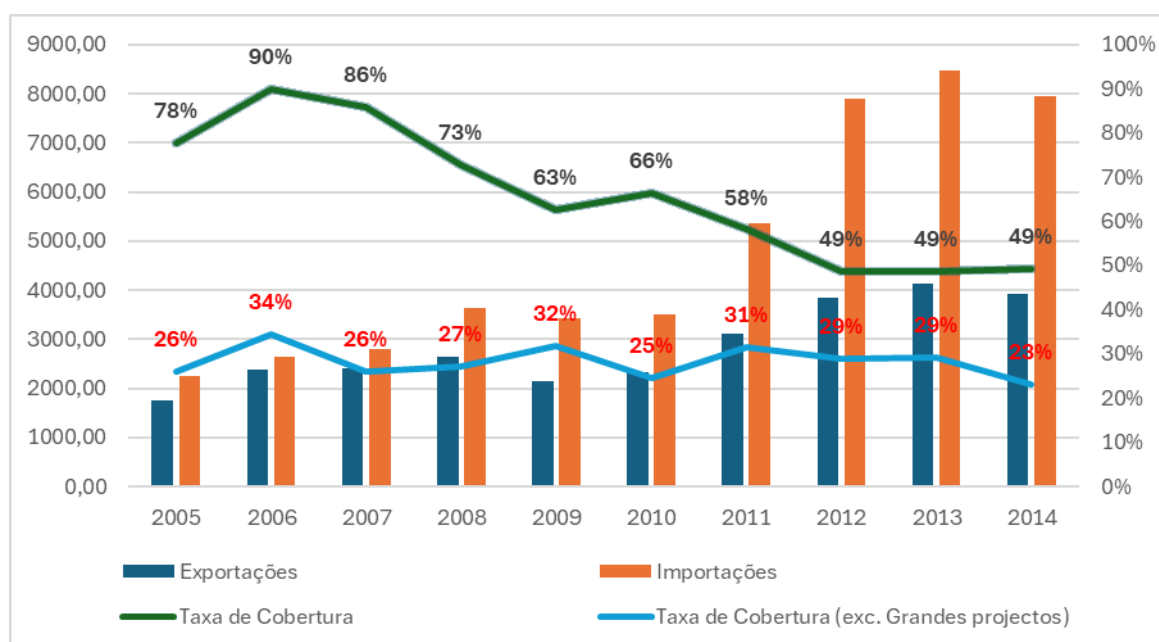
Estes dados indicam que, embora a cobertura do comércio de Moçambique tenha mostrado uma tendência decrescente ao longo do período analisado, houve uma relativa melhoria na capacidade de as exportações cobrirem as importações, especialmente quando os grandes projectos são levados em consideração. No entanto, a exclusão desses projectos revela uma situação menos favorável em termos de cobertura do comércio.

Gráfico 12: Produção Industrial por ramo de actividade (2005-2014)



Fonte: INE, Anuários Estatísticos

Gráfico 13: Cobertura de exportações pelas importações (2005-2014) – valores em milhões de USD



Fonte: Calculado com base em dados do Sector Externo do Banco de Moçambique

No mandato do presidente Guebuza, a economia moçambicana cresceu, conforme mostra o gráfico 11. Este crescimento foi principalmente resultante da entrada de grandes volumes de investimento directo estrangeiro, aproximadamente 18,6 mil milhões dólares³⁶. Cerca de 50% do investimento aprovado neste período esteve concentrado no sector da agricultura e no sector extractivo (recursos minerais e energia) e num número reduzido de grandes projectos³⁷.

Em termos práticos, estes projectos aplicam-se principalmente à produção virada para a exportação, com menor desenvolvimento do mercado interno e baixas ligações intersectoriais. Deste modo, verificou-se um reforço da base capitalista da economia moçambicana, dominada pelo investimento estrangeiro e por empresas multinacionais cujos impactos macroeconómicos são consideráveis, mas não se verifica o mesmo a nível micro³⁸. Este desenrolar dos acontecimentos é também a consolidação da política colonial de produção virada para o exterior, tanto para a produção como para a comercialização.

Os grandes fluxos de investimento externo neste período ajudaram a manutenção e a multiplicação do poder e dos interesses económicos individuais ou de grupos sempre associados à FRELIMO³⁹. Estes interesses económicos privilegiam as áreas financeira, das comunicações, da construção, dos transportes e do sector ferro-portuário, beneficiando das privatizações das empresas públicas ou de alguns dos seus serviços externalizados (outsourcing)⁴⁰.

Apesar dos planos quinquenais indicarem a indústria transformadora como um sector chave de desenvolvimento de Moçambique, os interesses individuais e de grupos ligados à FRELIMO sobrepuseram-se em relação ao interesse do Estado.

2.6 Tendências Recentes da Industrialização em Moçambique (2015–2024)

O governo do presidente Filipe Nyusi definiu, de forma geral através do Programa Quinquenal do Governo (PQG) de 2015-2019 e 2020-2024, que a indústria continua a ser o motor para a transformação estrutural da economia nacional, com potencial para contribuir para a mudança qualitativa e a melhoria da sua competitividade com vista à sua inserção no mercado regional e global. Para a materialização deste objectivo, este governo propôs-se a promover a industrialização orientada para a modernização da economia e para o aumento das exportações.

O governo não apresentou grandes inovações em relação aos dois anteriores. Todos eles colocaram a modernização do sector como estratégico, falhado sempre em resolver os problemas básicos do sector, como, por exemplo, a insuficiência e a instabilidade do fornecimento de energia eléctrica, que representa um problema fundamental que os governos, incluindo o de Filipe Nyusi, não conseguiram resolver adequadamente. Este problema tem implicações directas na capacidade do país de modernizar a sua indústria, de aumentar a sua contribuição para o PIB e de melhorar a competitividade das exportações, objectivos centrais dos PQG's. O governo de Nyusi definiu, no seu PQG 2015-2019, um aumento de contribuição do sector no PIB, de 11%, em 2014, para 21%, em 2019. No entanto, no PQG 2020-2024 fez uma revisão em baixa dessas previsões, de 8,5%, em 2019, para 9,5%, em 2024.

Até ao ano de 2023, o PIB cresceu no governo de Nyusi a uma taxa média de 3%, correspondente a 5pp abaixo da média do período anterior. A taxa de crescimento reduziu de 7%, em 2015, para 5,1%, em 2023, com um vale⁴¹ em 2020, onde o PIB decresceu em 1% (ver gráfico 14). Importa referir que neste governo, para além dos fenómenos como as dívidas ocultas, que reduziram os financiamentos externos, o alastramento do terrorismo

36 INE (2014), Boletim Estatístico, 2010-2013. Disponível no site: <http://www.ine.gov.mz/>. Acesso 25/08/2023

37 INE (vários). Anuários Estatísticos

38 Bruna, N. (2016). *Economia política da governação: Política económica de controle, manutenção e reprodução de poder*. Revista Nera – Ano 20, Nº. 38 - Dossiê 2017 - ISSN: 1806-6755. Disponível no site: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/5294/4055/19345>. Acesso 25/08/2023

39 Idem

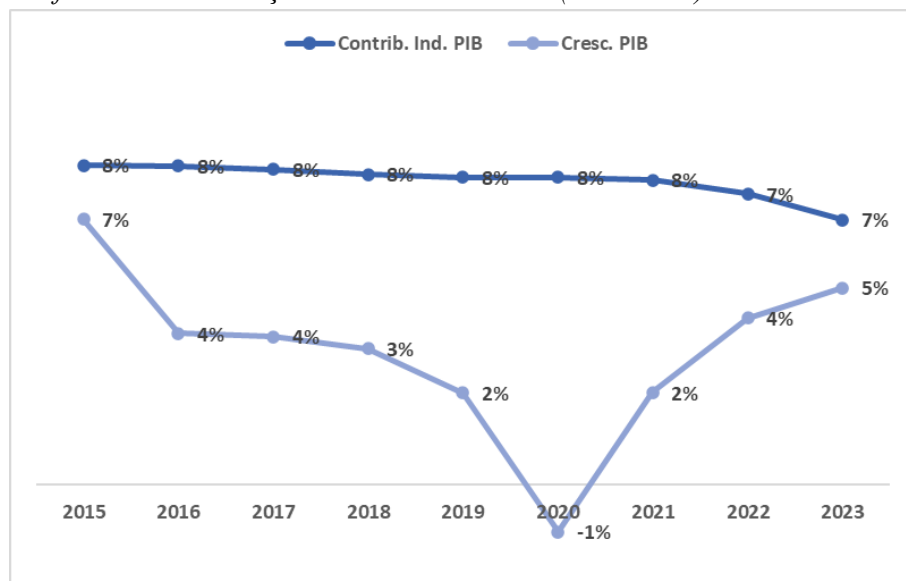
40 idem

41 Ponto mais baixo do ciclo económico quando a economia atinge seu nível mais baixo de actividade antes de começar a se recuperar novamente.

em Cabo Delgado, a pandemia da Covid-19, os eventos climáticos extremos, como são os casos do ciclone Idai e Kenneth em 2019, Chalane em 2020, Eloise e Guambe em 2021, Ana e Gombe em 2022 e Freddy em 2023, contribuíram significativamente para o desempenho do PIB.

Em termos gerais, neste período a economia contraiu. Em períodos como estes, o PIB reduz, o emprego contrai-se e os investimentos diminuem. Durante uma contração, as empresas podem começar a reduzir a produção, cortar empregos e enfrentar desafios financeiros. No entanto, os dados mostram que a contribuição média do sector industrial foi de 8%, com uma tendência constante mostrando insensibilidade da contribuição industrial às alterações do PIB que foram decrescentes. Veja-se que, em 2022, quando o PIB cresce, a contribuição industrial reduz em 1pp. Em 2023 manteve-se o mesmo peso. Comparativamente ao período anterior, a contribuição do sector reduziu em 2pp abaixo da meta do PQG em 1pp.

Gráfico 14: Contribuição da Indústria no PIB (2015-2023)



Fonte: Dados do INE (vários anos)

Os ramos da indústria com maior peso são dos alimentos, bebidas e tabaco, com um peso médio de 44%, seguido do ramo da metalurgia, com um peso médio de 42%, e dos minérios não metálicos, com um peso médio de 10%. Estes três sectores contribuem com 96% do total da produção industrial, o que indica um grau de concentração da pequena indústria existente no país.

Conforme se pode ver pelo gráfico 15, no governo de Nyusi grande parte da indústria que ainda contribuía para o sector passou a ter um peso insignificante. São os casos do ramo têxtil, ramo de produtos metálicos e máquinas, ramo do papel, artes gráficas e edições e o ramo da madeira e cortiça, que contribuíram com um peso de perto de 0% em 2022, depois de terem contribuído com pesos de 26%, em 1987, com 9%, em 1999, com 6%, em 1996, e 16%, em 2002. Estes dados mostram o desaparecimento do sector da indústria transformadora em Moçambique cujo pico foi no presente governo.

Dentre as várias razões que estão por detrás do colapso de muitas empresas estatais, ou participadas pelo Estado, está a corrupção, designadamente o desvio de fundos dessas empresas por parte dos seus gestores. O economista Gabriel Muthisse afirmou que a explicação que se encontra para o encerramento de várias empresas estruturantes em Moçambique, ao longo da sua história, é a de que as empresas teriam sido geridas de forma incompetente pelas pessoas que haviam sido incumbidas para a sua direcção⁴².

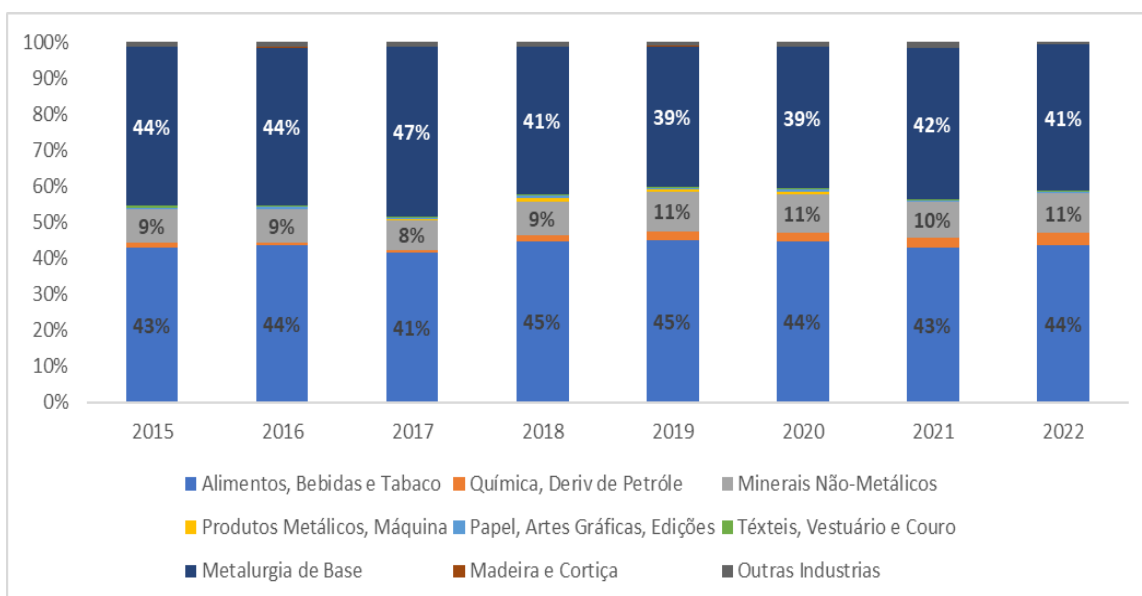
Dados do Inquérito sobre o Orçamento Familiar (IOF), de 2014/2015, indicavam que o sector empregava 3%

42 Muthisse, G. (25 de novembro de 2019). Segundo texto da série Porque Fecharam as Empresas Moçambicanas? - A Voz do Povo (2). Disponível no site: <https://ambicanos.blogspot.com/2019/11/porque-fecharam-as-empresas.html>. Acesso. 22/06/2023

do total da mão de obra. Esta percentagem aumentou para 4,5%, segundo o IOF 2019/2020. No entanto, o IOF 2022 indica a absorção de 2,5% da mão de obra mostrando que, o nível de absorção do emprego por este sector reduziu, podendo ser o reflexo da sua transformação. Olhado, por exemplo, para o sector de comercio e finanças, este absorvia 8,9%, em 2014/2015, reduziu para 8,5%, em 2019/2020, e voltou a crescer para 10%, em 2022. O sector do comercio é o que faz as importações que substituem a produção que não é feita internamente. Isto é, a queda do sector industrial é uma oportunidade de crescimento do sector comercial.

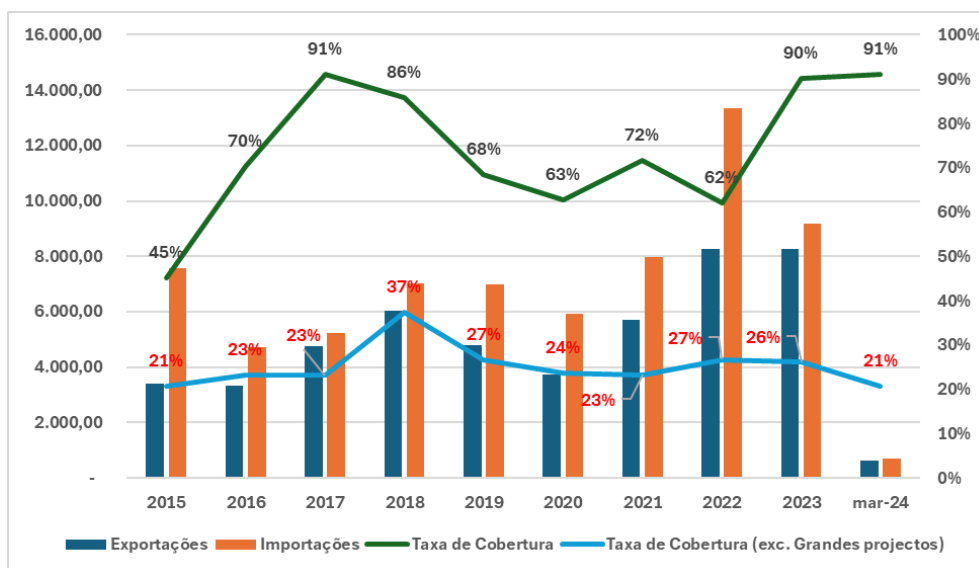
Em termos de cobertura de importações pelas exportações, a média é de 74% (2015-Março de 2024), cifra acima da média do governo anterior, que foi de 66%. Em termos de evolução, a mesma registou um crescimento de 45%, em 2015, para 91%, em Março de 2022. Se excluirmos os grandes projectos, a taxa de cobertura reduz para uma média de 25% neste período, menos 3pp em relação ao período anterior. Ver gráfico 16.

Gráfico 15: Produção Industrial por ramo de actividade (2015-2022)



Fonte: INE, Anuários Estatísticos

Gráfico 16: Taxa de Cobertura de comércio (2015-Março de 2024) – valores em milhões de USD



Fonte: Calculado com base em dados do Sector Externo do Banco de Moçambique

Os dados acima indicam uma melhoria geral na capacidade das exportações de Moçambique em cobrir as suas importações, ao longo do período analisado, com um crescimento expressivo na taxa de cobertura. No entanto, quando os grandes projectos são excluídos da análise, a situação mostra uma cobertura menos favorável, destacando-se, mais uma vez, a importância desses projectos, como é o caso de LNG que agora só contribui para as exportações e já foi negociado pelo governo anterior, na dinâmica comercial do país.

O governo de Nyusi não fez nada de diferente em relação aos governos anteriores no tocante ao objectivo de industrialização a não ser colocar nos seus planos de governação. Nesta governação perpetuou-se a dependência de recursos naturais, que limita iniciativas concretas para a diversificação da economia, e a dependência de ajuda externa e empréstimos internacionais para financiar projectos e iniciativas. O fraco investimento na educação profissionalizante e em infra-estruturas: estradas, energia elétrica, portos e outros sistemas essenciais para apoiar as operações industriais, é dos grandes desafios negligenciados por estes governos. Veja-se o exemplo do estado da principal estrada do país, a N1. Com estes desafios, dificilmente poderá florescer uma indústria competitiva em Moçambique.

3. O Impacto do Desaparecimento da Indústria Moçambicana – Caso da Indústria de Pneus de Borrachas

Nos últimos 49 anos desapareceram unidades industriais que no passado, para além de constituírem fonte de emprego e riqueza para muitos moçambicanos, representavam sectores chave para as exportações. Através da empresa Mabor de Moçambique- Manufatura, S.A.R.L, Moçambique produzia para o mercado doméstico e exportava pneus de borracha para países como a África do Sul, Zimbabwe, Malawi, Zâmbia, Tanzânia, Maurícias e alguns europeus⁴³. Com o abandono da empresa por parte dos proprietários portugueses, o Estado assumiu a empresa, tal como havia feito com centenas de indústrias.

Tal como aconteceu com muitas unidades fabris assumidas pelo Estado, o modelo de economia planificada e sem acesso ao seu principal mercado de exportação, a fábrica faliu⁴⁴. Sem uma indústria de produção de pneus, Moçambique teve de passar de uma situação de exportador para importador de pneus. Internamente, a Mabor, para além de fornecer pneus ao parque automóvel, fornecia matéria prima à indústria de recauchutagem, que com a falência da Mabor se viu obrigada a passar a importar a sua principal matéria prima para sobreviver e abrir espaço para o mercado externo.

Só em 2021, Moçambique gastou com a importação de pneus recauchutados 439 mil dólares vindos da China (49%), Tailândia (20%), África do Sul (15%), Emirados Árabes Unidos (9%), Estados Unidos (4%) outros países (3%)⁴⁵.

O desaparecimento da Mabor e o aumento da procura de pneus de borracha no mercado interno e externo, como resultado do crescimento acelerado do parque automóvel, representa uma das grandes perdas de oportunidade para o florescimento do sector de produção de pneus de borracha. Só a nível interno, dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) indicam que o parque automóvel do país cresceu de forma exponencial entre 2015 a 2020, de 661.355, em 2015, para 1.169.285, em 2021, correspondendo a uma variação de 76,8%.

Ora, o crescente aumento do parque automóvel sem uma indústria interna para o alimentar de consumíveis básicos de manutenção, como pneus, só serve para alimentar a importação desses mesmos consumíveis, através dos supermercados que a destruição da indústria nacional criou, e contribuir para a alta de preços dessas componentes vitais para a segurança rodoviária.

Dados do Banco de Moçambique mostram que de 2011 para Março de 2024, Moçambique gastou cerca de

43 A Verdade. (18 de Setembro de 2019). Estado Livra-se da Mabor de Moçambique, antiga Fabrica de pneus será usada na produção de artigos de papelaria. Disponível em <https://verdade.co.mz/estado-livra-se-da-mabor-de-mocambique-antiga-fabrica-de-pneus-sera-usada-na-producao-de-artigos-de-papelaria/>. Acesso 22/06/2023

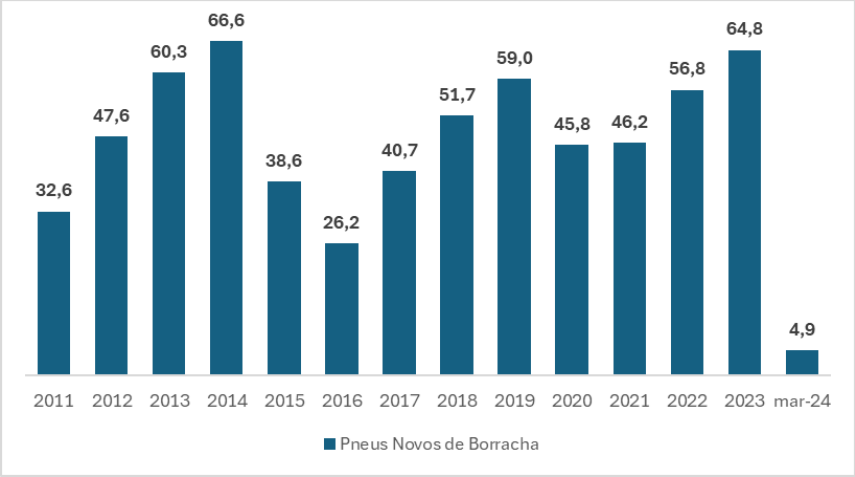
44 idem

45 OEC Word (2023). Disponível no site: <https://oec.world/en/profile/bilateral-product/retreaded-tyres/reporter/moz>. Acesso 25/08/2023

641,8 milhões de USD em importações de pneus de borracha. Os principais mercados de importação são a China, com 30% do total, Espanha, com 18%, África do Sul, com 11%, Japão com 10%, Índia com 8% e os restantes países com 23%.

Conforme ilustra o gráfico 17, as importações de pneus de borracha cresceram em 74% entre 2011 e 2022⁴⁶, mostrando a mesma tendência que o aumento do parque automóvel. Portanto, os dados mostram que a dependência da importação de pneus aumentou substancialmente nos últimos anos e sem uma indústria nacional para satisfazer essa procura, o país continuará sendo um supermercado de pneus fabricados no estrangeiro.

Gráfico 17: Evolução da importação de pneus de borracha em Moçambique (2011- Março de 2024) – Milhões de USD



Fonte: Banco de Moçambique (2024)

⁴⁶ Devido a dificuldades de acesso aos dados só foi possível analisar dados de 2011 a 2022.

Memórias de um sector destruído⁴⁷

Abaixo apresentam-se alguns exemplos de indústrias que desapareceram nesses 49 anos de independência cuja importância para o mercado interno e internacional era de extrema relevância:

1. **TUDOR MOÇAMBIQUE** - empresa produtora de pilhas, baterias de automóveis e industriais;
2. **INCOL** - empresa que fabricava chouriço e salchichas e outros enchidos de carne;
3. **FAPEL E FAPACAR** - indústria de papel e embalagens de papel;
4. **ENAFRIO** - empresa que fabricava sistemas de frio e de refrigeração;
5. **PROTAL** - empresa de produção de leite condensado, queijo etc;
6. **A FORJADORA** - indústria de estruturas para pontes, carroçarias para camiões e autocarros, entre outros;
7. **AGRO ALFA** - indústria de fabrico de equipamentos agrícolas diversos;
8. **CORSIL** - indústria de candeeiros eléctricos e similares;
9. **UFA** - fábrica de calçado;
10. **CIFEL** - indústria de fundição de ferro;
11. **COMETAL MOMETAL** - indústria de carruagens e vagões, entre outros equipamentos pesados para a indústria metal-mecânica;
12. **MAQUINAG** - indústria de fabrico de elevadores e sistemas de elevação entre outros;
13. **METAL BOX** - indústria de embalagens metálicas (latas);
14. **ZUID** - indústria de geleiras, congeladores e equipamentos de frio;
15. **VIDREIRA** - indústria de vidro;
16. **MABOR DE MOÇAMBIQUE** - indústria dos pneus;
17. **LOUMAR** - Indústria de sumos de fruta natural e rebuçados;
18. **CAJU DE MOÇAMBIQUE** - exportadora da amêndoa da castanha de caju;
19. **LATICÍNIOS** - indústria de produção e exportação de citrinos; e
20. **Textáfria, EMMA, Progresso, Texmoque, Texmanta, Riopele, Texlom, Têxtil de Mocuba** - indústrias têxteis e de confecções.

Estas indústrias foram fundamentais para a economia de Moçambique, tanto no período colonial quanto após a independência. No entanto, a combinação de guerra civil, políticas económicas instáveis, falta de financiamento e modernização, e a concorrência internacional levou ao declínio e ao seu eventual encerramento.

4. Lições de Outros Países

Moçambique, como muitos países com um legado colonial, enfrenta desafios significativos na sua jornada rumo à industrialização e diversificação económica. No entanto, pode sempre aprender com exemplos de nações que superaram obstáculos semelhantes, como são os casos de alguns países africanos e asiáticos. Entre esses exemplos estão a África do Sul, Eswatini e Namíbia, os três classificados no top 10 do Índice de Industrialização em África⁴⁸.

Várias instituições internacionais e organizações regionais, como o Banco Mundial (WB), o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e a Comissão Económica das Nações Unidas para a África (UNECA), produzem relatórios e índices que avaliam o desenvolvimento industrial em diferentes países africanos. Esses relatórios consideram uma variedade de indicadores, como produção industrial, diversificação económica e contribuição do sector industrial para o PIB.

Países como a África do Sul, a Nigéria, o Egipto, a Argélia e o Marrocos são geralmente identificados como alguns dos líderes industriais do continente. Essas nações partiram de bases coloniais semelhantes à de Moçambique. Por exemplo, a África do Sul, uma ex-colônia britânica e holandesa, é considerada uma das

47 Gil, F (06/02/2022). *Memórias da Nossa Indústria*. Disponível no site: https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2022/02/mem%C3%B3rias-da-nossa-ind%C3%BAria.html. Acesso 25/08/2023

48 O Índice de Industrialização da África é uma métrica usada pelo Banco Africano de Desenvolvimento para avaliar o progresso industrial dos países do continente. Os resultados referidos neste estudo são referentes ao relatório de avaliação em 2022.

economias mais industrializadas da África, liderando diversos sectores industriais, incluindo a mineração, manufatura, tecnologia e serviços financeiros. No índice africano de industrialização do BAD, em 2022, ocupa a 1ª posição⁴⁹.

Outros exemplos são de países como Eswatini que, apesar de ser um país pequeno e sem saída para o mar, conseguiu alcançar uma posição significativa no índice de industrialização africano em 2022, ocupando a 6ª posição. E a Namíbia, com uma base colonial semelhante a de Moçambique, conseguiu destacar-se através de uma série de estratégias bem planificadas e implementadas⁵⁰ ocupado a 10ª posição no índice que avalia 52 países africanos. Em comparação, Moçambique ocupa a 30ª posição nesta avaliação.

O segredo por trás do sucesso industrial desses países, conforme se pode concluir da avaliação do BAD, envolve uma combinação de factores, como investimentos em infra-estrutura, educação e inovação tecnológica, políticas governamentais favoráveis ao desenvolvimento industrial, parcerias estratégicas com o sector privado e uma força de trabalho qualificada. Além disso, o acesso a recursos naturais, como petróleo, minerais e terras férteis, desempenha um papel importante no crescimento industrial desses países.

Além dos exemplos africanos, Moçambique pode olhar para países como Índia, Vietnã e Singapura para inspiração. A Índia, após a sua independência em 1947, investiu em sectores como manufatura, tecnologia e serviços, desenvolvendo uma forte indústria têxtil e destacando-se em tecnologia de informação e farmacêutica. O seu PIB *per capita* em 2022 foi de USD 2.464, significativamente maior do que o de Moçambique, de USD 597⁵¹. O Vietnã após a guerra adoptou reformas económicas (Doi Moi) que incentivaram o investimento estrangeiro, tornando-se num importante centro de manufatura. O seu PIB *per capita* em 2022 foi de USD 4.126, mais de 591% em relação a Moçambique⁵². Singapura, após a sua independência em 1965, focou-se em reformas económicas e atraiu investimentos estrangeiros tornando-se num centro financeiro global e inovador. O seu PIB *per capita* em 2022 foi de USD 82.808, mais de 13.770% acima de Moçambique⁵³.

Com esforços coordenados e estratégias bem definidas, Moçambique pode seguir o exemplo desses países e alcançar progresso significativo na sua jornada rumo à industrialização e diversificação económica.

4.1 Moçambique tem Potencial para Seguir o Exemplo de Países bem-Sucedidos

Segundo se pode ver pelos gráficos 18 e 19, as exportações de Moçambique são dominadas pelos grandes projectos com um peso médio de 67%. De forma desagregada, em média, 36,7% das exportações derivam do sector de recursos naturais (carvão mineral, gás natural, rubis, safiras, esmeraldas e areias pesadas), 28,8% do sector da indústria transformadora (barras de alumínio, cabos de alumínio, açúcar, amêndoa de caju, óleo de girassol, de cártamo ou de algodão e peruca e artigos semelhantes), 12,5% da miscelânea de produtos, 8,8% de produtos agrícolas (tabaco, legumes e hortícolas, algodão, amendoim, castanha de caju e frutas diversas), 8,7% da energia eléctrica e 4,7% de outras mercadorias (madeira em bruto e serrada, camarão, bens de capital, reexportações e bunkers).

A indústria transformadora representou até 2015 o sector de maior exportação no país, com um peso médio de 35%. Em 2016, com o advento das explorações de recursos naturais, o sector foi ultrapassado pelo sector da indústria extractiva. Os gráficos mostram que, basicamente, Moçambique exporta produtos primários e tudo o resto precisa de importar. Este cenário não é diferente do que acontecia na época colonial, com o diferencial de que, na era colonial, existia uma indústria transformadora crescente para o consumo interno dos colonos.

49 African Development Bank Group (2022). *Africa Industrialization Index 2022*. Disponível no Site: https://www.afdb.org/sites/default/files/documents/publications/africa_industrialisation_index_2022_en-web.pdf. Acesso 28/05/2024

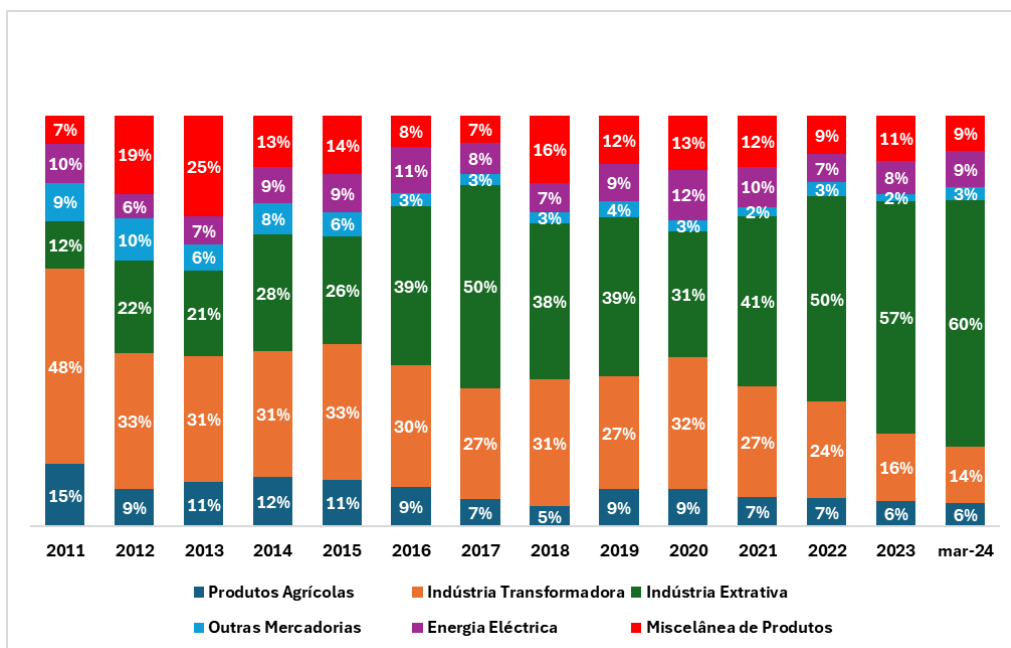
50 Namibia Economist (17/08/2023). *The 4th Industrial Revolution in Namibia: – Prospects and Challenges*. disponível no site: [The 4th Industrial Revolution in Namibia: – Prospects and Challenges | Namibia Economist](https://www.namibiaindustrialization.com/). Acesso 06/06/2024

51 Country Economy (2024). *Dados do PIB por país*. Consultado no site: <https://pt.countryeconomy.com/>. Acesso 04/06/2026

52 Idem

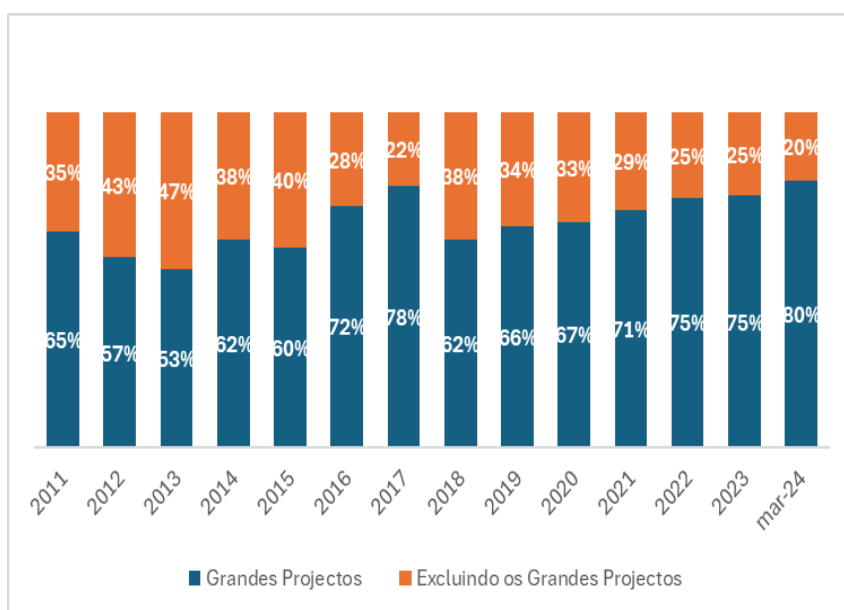
53 Idem

Gráfico 18: principais produtos de exportação em Moçambique (2011-Março 2024)



Fonte: Banco de Moçambique, 2023

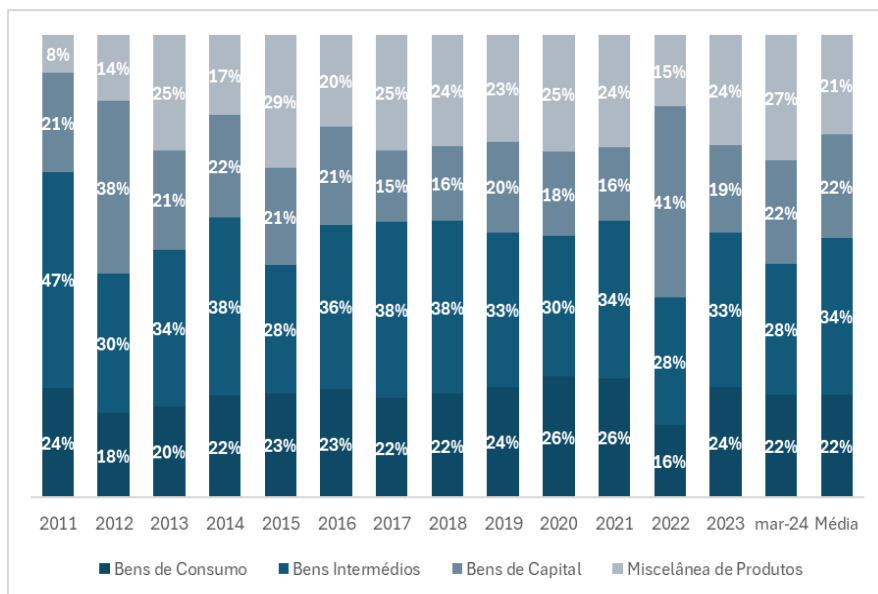
Gráfico 19: Composição % das exportações em Moçambique (2011-Março 2024)



Fonte: Banco de Moçambique, 2023

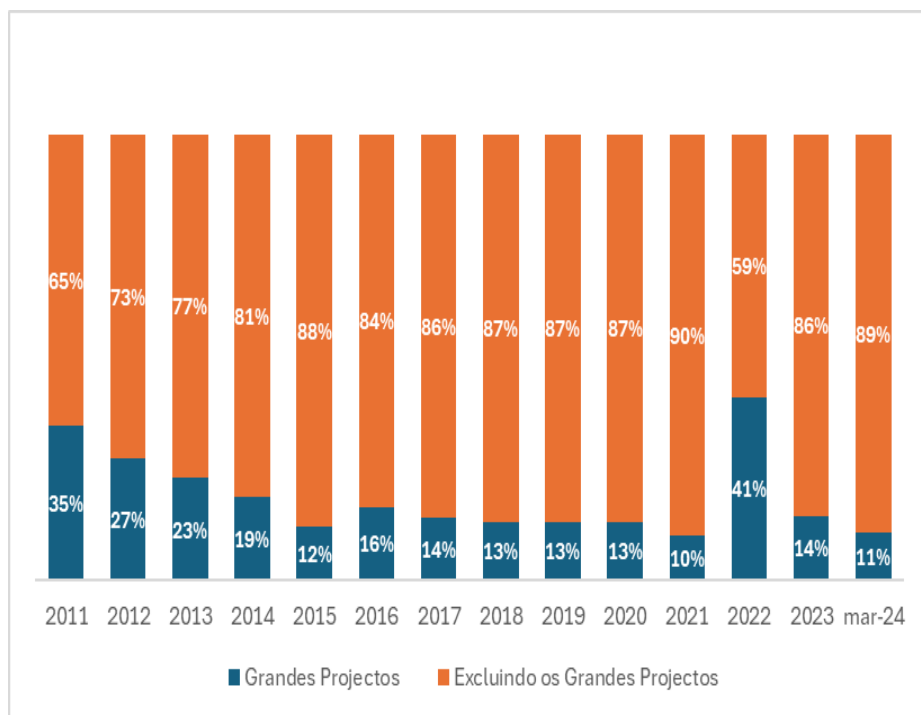
Em termos de importações, os grandes projectos representam uma média de 19% do total. As maiores importações de Moçambique provêm de bens intermédios (combustíveis, óleo e lubrificantes, energia eléctrica, alumínio bruto, material de construção, adubos e fertilizantes, alcatrões e betume de petróleo), com uma cifra de 34% em média, bens de capital (maquinaria, tractores e semi-reboques), com uma cifra média de 22%, bens de consumo (arroz, trigo, açúcar, óleo alimentar, carnes e miudezas de aves, produtos hortícolas e legumes, sumos de frutas, leite e lacticínios, ovos, mel natural, cerveja e outras bebidas alcoólicas, calçado, livros, jornais e outros da indústria gráfica, papel e cartão, automóveis, acessórios de automóveis), com uma cifra média de 22%, e miscelânea de produtos, com 21%. Ver gráfico 20 e 21.

Gráfico 20: principais produtos de importação em Moçambique (% do total) (2011-2022)



Fonte: Banco de Moçambique, 2023

Gráfico 21: Composição % das importações de Moçambique (2011-Março 2024)



Fonte: Banco de Moçambique, 2023

É possível observar pelos gráficos que a matriz de importação de Moçambique agrega produtos outrora fabricados internamente, cuja indústria foi destruída devido às políticas falhadas dos sucessivos governos. Moçambique importa hoje, em grande medida, combustíveis enquanto outrora já teve uma refinaria de petróleo; importa livros, jornais e outros da indústria gráfica enquanto teve uma indústria e contribuía significativamente para a produção do sector; importa pneus de borracha enquanto já foi líder na produção destes bens.

Este cenário leva a concluir que, nos 49 anos de governação, os sucessivos governos tiraram o país de uma situação de caminho à industrialização para um supermercado de produtos acabados. Para reverter este cenário

é preciso olhar para esta matriz de importação e introduzir pequenas indústrias que farão a substituição paulatina destas importações.

Fazendo este exercício, e com vontade política, será fácil desenvolver mecanismos de protecção das indústrias para produzirem localmente e aprovar os melhores pacotes de incentivos para atrair investimento industrial nacional e estrangeiro.

5. Conclusão

A análise detalhada da evolução da industrialização em Moçambique revela uma história marcada por desafios significativos e oportunidades perdidas. Desde a independência em 1975, o país enfrentou crises económicas, guerras civis e políticas desafiadoras que moldaram o curso do desenvolvimento industrial. Apesar de alguns períodos de crescimento e investimento, a contribuição da indústria para o PIB permaneceu abaixo das metas estabelecidas, refletindo uma falta de estratégia coesa e implementação eficaz.

O desaparecimento de indústrias-chave, como a Mabor de Moçambique, destaca a urgente necessidade de uma política industrial robusta e sustentável. A dependência excessiva de importações e a falta de diversificação da base produtiva, expõem o país a vulnerabilidades económicas, especialmente diante de flutuações nos mercados internacionais e crises globais.

No entanto, apesar dos desafios que Moçambique enfrenta na busca por um desenvolvimento industrial sustentável, possui um potencial considerável para alcançar esse objectivo. A implementação de políticas e estratégias bem concebidas, em colaboração com todos os actores relevantes, é essencial para superar os obstáculos e aproveitar as oportunidades que se apresentam. Com um compromisso colectivo e medidas concretas, Moçambique pode construir uma economia mais resiliente, diversificada e próspera para o benefício de toda a sua população.

5.1 Recomendações

a) Para o Governo de Moçambique

- O Governo deve rever e actualizar as suas políticas industriais, priorizando a diversificação económica, o desenvolvimento de cadeias de valor locais e a promoção da inovação e da competitividade. Uma lei de conteúdo local pode ajudar neste aspecto;
- É crucial investir em infra-estruturas básicas, como energia, transporte e telecomunicações, para apoiar o crescimento industrial e facilitar o acesso a mercados internos e externos;
- A implementação de incentivos fiscais e subsídios numa abordagem mais concreta e menos geral, como por exemplo para *start-ups* tecnológicas, que pode atrair investimentos, tanto nacionais quanto estrangeiros, para sectores estratégicos e promissores; e
- Investir em educação, formação profissional e capacitação técnica é fundamental para desenvolver uma força de trabalho qualificada e adaptável às necessidades da indústria moderna.

b) Para o Sector Privado

- O sector privado deve buscar colaborações com o Governo e outras entidades para impulsionar o desenvolvimento industrial, compartilhando recursos, expertise e melhores práticas;
- As empresas devem priorizar a inovação e a adopção de tecnologias avançadas para aumentar a eficiência, melhorar a qualidade dos produtos e expandir a sua participação nos mercados globais; e
- As empresas têm um papel importante na promoção do desenvolvimento sustentável e inclusivo, através de iniciativas de responsabilidade social corporativa que beneficiem as comunidades locais e o meio

ambiente.

c) Para Organizações Internacionais e Doadores

- As organizações internacionais e os doadores devem fornecer apoio financeiro e técnico para programas e projectos que visem fortalecer o sector industrial de Moçambique, alinhados com as prioridades e necessidades do país;
- Facilitar a transferência de tecnologia e conhecimento especializado para Moçambique pode ajudar a impulsionar a capacidade produtiva e a competitividade das indústrias locais; e
- Investir no fortalecimento das capacidades institucionais, como agências de promoção de investimentos e agências reguladoras, é fundamental para garantir um ambiente favorável aos negócios e ao desenvolvimento industrial.

6. Referências/ Documentos Consultados

- A Verdade. (18 de Setembro de 2019). *Estado Livra-se da Mabor de Moçambique, antiga Fabrica de pneus será usada na produção de artigos de papelaria*. Disponível em <https://verdade.co.mz/estado-livra-se-da-mabor-de-mocambique-antiga-fabrica-de-pneus-sera-usada-na-producao-de-artigos-de-papelaria/>. Acesso 22/06/2023
- African Development Bank Group (2022). *Africa Industrialization Index 2022*. Disponível no Site: https://www.afdb.org/sites/default/files/documents/publications/africa_industrialisation_index_2022_en-web.pdf. Acesso 28/05/2024
- Bruna, N. (2016). *Economia política da governação: Política económica de controle, manutenção e reprodução de poder*. Revista Nera – Ano 20, Nº. 38 - Dossiê 2017 - ISSN: 1806-6755. Disponível no site: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/5294/4055/19345>. Acesso 25/08/2023
- Castel-Branco, C.N. (1994), *Problemas Estruturais de Industrialização: A Indústria Transformadora*. In Castel-Branco, C.N. (ed), *Moçambique: Perspectivas Económicas*. UEM & Fundação Friedrich Ebert, Maputo
- Chichava, J. (2005). *A Indústria Moçambicana: caracterização, estrutura, políticas industriais e outros aspectos relevantes*. UEM. Fichas de Aulas
- Coelho, C. A. (1973). *Moçambique*. Finisterra, 8(15). <https://doi.org/10.18055/Finis240>. Acesso 17/08/2023
- Coughlin, P. (2005). *Globalização, Imperativos Tecnológicos e Relações de Trabalho em Moçambique*. In Peter Coughlin (Org.) *Relações Laborais em Moçambique – Lei, Prática e Implicações Económicas incluindo*
- Comparações Internacionais. Maputo: EconPolicy Research Group, Lda., pp. 122-224
- Country Economy (2024). *Dados do PIB por país*. Consultado no site: <https://pt.countryeconomy.com/>. Acesso 04/06/2026
- Diário do Grande ABC (21/02/2000). *Ciclone 'Eline' devasta Moçambique*. Disponível no site: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/106440/ciclone-eline-devasta-mocambique>. Acesso 23/08/2023
- Feijó, J. (2017). *Mudam-se os tempos, mudam-se os modos de pensar? (Des)continuidades nas reflexões sobre o trabalho em Moçambique*. Disponível no site: <https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/parte-ii-mudam-se-os-tempos-jfeijo.pdf>. Acesso 18/08/2023
- Gil, F (06/02/2022). *Memórias da Nossa Indústria*. Disponível no site: https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2022/02/mem%C3%B3rias-da-nossa-ind%C3%BAstria.html. Acesso 25/08/2023
- Hanlon, J. (1984). *Mozambique: The Revolution under fire*. Third World Books. London, UK: Zed Books Ltd.
- INE (2014), *Boletim Estatístico*, 2010-2013. Disponível no site: <http://www.ine.gov.mz/>. Acesso 25/08/2023
- INE (vários anos). *Anuários Estatísticos*. Disponíveis no site: www.ine.gov.mz Acesso 25/08/2023
- Lugina, E. J., et al. (2022). *Effects of industrialization on Tanzania's economic growth: a case of manufacturing sector*. *Futur Bus J* 8, 62 (2022). Disponível no site: <https://fbj.springeropen.com/articles/10.1186/s43093-022-00177-x>. Acesso 17/08/2023

Ministério da Economia e Finanças (2020). PROGRAMA QUINQUENAL DO GOVERNO 2020-2024. Disponível no site: <https://www.mef.gov.mz/index.php/todas-publicacoes/instrumentos-de-gestao-economica-e-social/programa-quinquenal-do-governo-pqg/pqgdoismilevinte-doismilevinteequatro/919-pqg-2020-2024-aprovado-pela-assembleia-da-republica/file?force-download=1>. Acesso 25/08/2023 Governo de Moçambique (2005 e 2010), Programa do Governo para 2005-2009, e Programa do Governo para 2010-2014, Maputo

Mosca, J. (2002). *Encruzilhadas de África – ênfase para os PALOP*. Lisboa: Instituto Piaget

Muthisse, G. (25 de novembro de 2019). *Segundo texto da série Porque Fecharam as Empresas Moçambicanas? - A Voz do Povo* (2). Disponível no site: <https://ambicanos.blogspot.com/2019/11/porque-fecharam-as-empresas.html>. Acesso. 22/06/2023

Namibia Economist (17/08/2023). *The 4th Industrial Revolution in Namibia: – Prospects and Challenges*. Disponível no site: <https://futuremedia.com.na/the-4th-industrial-revolution-in-namibia-prospects-and-challenges/>. Acesso 06/06/2024

OECD Word (2023). *Bilateral Product – Retreaded Tyres – Reporter Moz*. Disponível no site: <https://oec.world/en/profile/bilateral-product/retreaded-tyres/reporter/moz>. Acesso 25/08/2023

Pitcher A. (2003). *Sobreviver à transição: o legado das antigas empresas coloniais em Moçambique*. Colgate university, department of political disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791363I3gSX5sc0Tn03TK0.pdf>. Acesso aos 19/06/2023

Pitcher, M. A. (2002), *Transforming Mozambique: the politics of Privatization, 1975-2000*, Cambridge. Portal do Governo de Moçambique (Varios anos). *Plano Quinquenal*. Disponível no site: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Governo/Documentos/Planos-e-Programas-de-Governacao/Plano-Quinquenal>. Acesso 25/08/2023 Governo de Moçambique (1995 e 2000), Programa do Governo para 1995-99, e Programa do Governo para 2000-2005

Unidade Técnica de Reorganização de Empresas (1998). *Privatizações em Moçambique: 1998 – O Ano da Consolidação*. UTRE/MPF, N.º. 5, Março

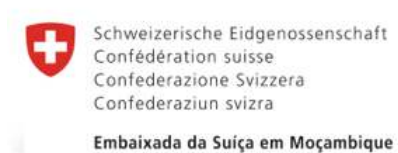
UNU-WIDER (2021). *Is Manufacturing Still the Main Engine of Growth in Developing Countries?* Disponível no site: <https://www.wider.unu.edu/publication/manufacturing-still-main-engine-growth-developing-countries>. Acesso 17/08/2023

Wuyts, M. (1989). *Money and planning for a social transition: the Mozambique experience*. Disponível no site: <https://oro.open.ac.uk/89097/1/09.pdf>. Acesso 17/08/2023

Wuyts, M. A (1983). *organização das finanças e o desenvolvimento económico em Moçambique: Do sistema capitalista ao desenvolvimento socialista*. UEM, 1983, Texto 105.

Xi Win et al. (2022). *Manufacturing, Exports, and Sustainable Growth: Evidence from Developing Countries*. Disponível no site: <https://www.mdpi.com/2071-1050/14/3/1646>. Acesso 17/08/2023

Parceiros:



Norwegian Embassy



Reino dos Países Baixos

